



34.ª SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Caderno de Conteúdos 34ª Semana de Liturgia



34.ª SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiçá, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

PROGRAMA - 34.ª SEMANA DE LITURGIA
Mosteiro de Itaiçá, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Horário	SEGUNDA-FEIRA – 26/set	Coordenação
	Coordenadora do dia	Ir. Penha Carpanedo
Manhã	Chegada, acolhida Reunião da coordenação	
14h30	- Acolhida dos participantes... boas-vindas... Ensaio de cantos	- Jeronimo e Ir. Penha - Equipe canto: Arnaldo, Telles, outros
15h30	Intervalo	
16h	- Concentração no adro da igreja ou num local externo mais favorável, participantes se reúnem e promove-se (re)encontro entre as pessoas com dinâmica de agregação, apresentação por região e estados, cirandas	- Equipe canto Animadores: Arnaldo, outros
17h	- Eucaristia	Equipe de Liturgia
18h30	- Jantar	
20h	- Apresentação da Semana: Justificativa e itinerário	Pe. Danilo
21h	- Ofício da Noite (Completas)	Equipe de Liturgia
21h30	- Reunião da coordenação	
Horário	TERÇA-FEIRA – 27/set	
	Coordenador do dia	Pe. Gustavo
7h	- Ofício da Manhã	Equipe de Liturgia
7h45	- Café da manhã	
8h45	- Memória do dia anterior e encaminhamentos do dia	
9h	- O rito como fonte geradora do sacerdócio batismal e lugar do seu exercício: a preparação das oferendas - 1.ª parte: Mistagogia - Descrição ritual (a partir da celebração do dia anterior)	Pe. Márcio Pimentel
10h	- Intervalo	
10h30	- O rito como fonte geradora do sacerdócio batismal e lugar do seu exercício: a preparação das oferendas. 2.ª parte: Mistagogia - O sacerdócio batismal a partir do rito da preparação das oferendas	Pe. Márcio Pimentel
11h30	- Reações dos participantes: fila do povo	
12h	- Almoço	
14h	- Ensaio de cantos	Frei Joaquim, Fr. Telles e Arnaldo
14h30	- O rito como fonte geradora do sacerdócio batismal: o canto da assembleia	Fr. Joaquim
15h30	- Intervalo	
16h	- Vivência: → Rito da Assinalação na entrada do catecumenato	Grupos
17h45	Intervalo	
18h30	Jantar	
19h45	Ofício da Noite (Completas)	Equipe de Liturgia
20h30	Reunião da equipe	
Horário	QUARTA-FEIRA – 28/set	
	Coordenador do dia:	Ir. Veronice
7h	Ofício da Manhã	Equipe de Liturgia
7h45	Café	
8h45	Memória do dia anterior, conversa sobre as celebrações e encaminhamentos do dia	
9h	A piedade popular: lugar teológico de sobrevivência do exercício do sacerdócio batismal	Ir. Penha Carpanedo
10h15	Intervalo	



34.ª SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiç, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

10h45	Devocionismo: inconsciência do sacerdócio batismal e convivência com o clericalismo	Pe. Danilo César
11h45	Reação dos participantes: fila do povo	
12h	Almoço	
14h	- Ensaio de cantos	Frei Joaquim, Fr. Telles e Arnaldo
14h30	- O rito como lugar do exercício do sacerdócio batismal da <i>assembleia</i> : canto	Frei Joaquim
15h30	Intervalo	
16h	- Vivência: → Rito da Bênção da mesa doméstica	Grupos
17h30	Intervalo	
18h	Ofício da tarde	Equipe de Liturgia
18h45	Jantar	
19h45	Comunicações e lançamentos	Pe. Gustavo e Ir. Veronice
20h45	Reunião da coordenação	
Horário	QUINTA-FEIRA – 29/set – santos arcanjos da guarda	
	Coordenador do dia:	Pe. Marlon
7h	Ofício da Manhã	Equipe de Liturgia
7h45	Café	
8h45	Memória do dia anterior, conversa sobre as celebrações e encaminhamentos do dia	
9h	A igreja e a casa: o sacerdócio batismal exercido entre espaço e tempo 1.ª parte	Dom Jerônimo
10h15	Intervalo	
10h45	O simulacro da igreja e da casa – o “espaço” virtual: lugar para o exercício do sacerdócio? 2.ª parte	D. Jerônimo
11h45	Reação dos participantes: fila do povo	
12h	Almoço	
14h	- Ensaio de cantos	Frei Joaquim, Fr. Telles e Arnaldo
14h30	- O rito como lugar do exercício do sacerdócio batismal: a questão do canto dos <i>ministros da música ritual</i> [cantores, músicos, salmistas, presidente]	Frei Joaquim
15h30	Intervalo	
16h	- Vivência: → Rito do Cântico de Maria	Grupos
18h	Intervalo	
18h30	Ofício da Tarde	
19h	Confraternização	
Horário	SEXTA-FEIRA – 30/set – São Jerônimo	
	Coordenador do dia:	Arnaldo
7h	Celebração Eucarística	Equipe de Liturgia
8h	Café	
9h	Pistas para a ação	Pe. Danilo César e D. Jerônimo
10h45	Avaliação e encaminhamentos da 35.ª Semana de Liturgia	
11h30	Almoço	



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

TEXTOS ASSESSORES E ASSESSORAS



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

**O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL
E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO¹**

Pe Danilo César dos Santos Lima

1. Depois de dois anos sem nos reunir presencialmente para a nossa tradicional Semana de Liturgia, promovida pelo Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard, em parceria com a Rede Celebra, nos encontramos para retomar este caminho que imensamente contribui para a recepção da reforma da Liturgia no Brasil. Nestes tempos tão turbulentos (eleições, violência, aumento da pobreza e da fome, guerra, clima de tensão e medo, eleições, golpes...), somos assombrados por um futuro incerto. Mas a nossa esperança não nos decepciona. Em meio a tudo isso, recebemos com alegria a nova edição do Missal traduzido para o português do Brasil, a realização do Sínodo que reforça um modo mais evangélico de ser Igreja, os recentes documentos do nosso Papa sobre a Liturgia, *Traditionis Custodes* (2021) e *Desiderio Desideravi* (2022). Também aguardamos com expectativa a comemoração dos sessenta anos da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1963), sobre a Sagrada Liturgia.
2. Durante os tempos duros da pandemia, e constrangidos por uma necessária quarentena, fomos confrontados com dois cenários paradoxais e estranhamente contíguos: a busca desenfreada e massiva pela transmissão de celebrações e – arriscaria dizer – de modo inversamente proporcional, o esforço de incentivar as liturgias domésticas, revalorizando os lares e as famílias como Igrejas das casas, Igrejas de fato. O uso indiscriminado dos recursos técnicos e das mídias sociais, ressaltando todas as suas qualidades, sua pertinência e seus valores, reforçou o clericalismo e o devocionismo. Ampliou o alcance de práticas duvidosas, transmissões de mau gosto e modelos celebrativos sem qualquer cuidado pastoral, sem arte e sem piedade litúrgica.
3. Como na realidade socioeconômica e, de modo mais evidente no âmbito político, as máscaras caíram (para não dizer nossas viseiras), e pudemos nos deparar com um monumental e perigoso iceberg submerso vir à tona: o perfil preconceituoso, violento e fascista que se infiltrou no meio da nossa gente. Assusta-nos pensar que uma grande parcela da nossa população, que se autodeclara cristã, apoia propostas de governo tão desumanas, indiferentes e obtusas. Esse tempo serviu como uma “radiografia” da nossa realidade, e espelhou não só a esfera política, mas na Igreja mostrou também coisas nada louváveis: um catolicismo devocionista, individualista e indiferente à comunhão com a Igreja, ao sofrimento alheio e acomodado às opções políticas de corte fascista. Por tudo isso ressoa em nossos corações as palavras de encorajamento de Hb 12,3: “Pensai, pois, naquele que enfrentou uma tal oposição por parte dos pecadores, para que não vos deixeis abater pelo desânimo”. Ainda falta muito a trabalhar para receber a reforma litúrgica principiada pelo Concílio Vaticano II.
4. Sobressaiu, nesse contexto, um pernicioso clericalismo, acentuado pelas redes sociais. Na multiplicação das missas transmitidas em diversas partes do país, como já acontecia de costume nos canais católicos, as transmissões não fizeram outra

¹ O presente texto reúne duas palestras proferidas na Semana de liturgia sob um único título: “Apresentação da Semana: Justificativa e itinerário” e “Devocionismo: inconsciência do sacerdócio batismal e convivência com o clericalismo”.



34.ª SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaiçá, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

coisa senão manter o foco sobre o ministro ordenado. A Igreja foi inundada de transmissões de celebrações sem assembleia, bancos ocupados com nomes, fotografias, bonecos, cestas básicas... Para além de qualquer consideração a ser feita – urgência pastoral, o caráter excepcional da quarentena, os benefícios frente aos danos, a caridade pastoral... – queiramos ou não, a resposta foi clericalista! Convém frisar: não se trata aqui de avaliar como a fé foi vivida no tempo da pandemia/quarentena, mas de perceber que em meio à situação de quarentena, vivemos algo semelhante à parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30): um discernimento difícil diante de situações que requerem maturação, para que não façamos perder as coisas boas que despontam em meio à plantação.

5. O clericalismo é uma doença que afeta toda a Igreja. Ele tem múltiplas faces e sabe muito bem se infiltrar e se manifestar de maneira insidiosa... A liturgia, infelizmente, tem sido um dos pontos de apoio para essa mentalidade perversa e doentia, pois o clericalismo se serve das formas simbólicas e rituais para a afirmação do seu poder (LIMA, 2020, p. 4-8). No caso da liturgia cristã, a manipulação dessas formas simbólicas, envolvem o poder de uma aura sacralizada, mas distante do evangelho de Jesus. Além disso, convém recordar que a linguagem simbólica e ritual da liturgia envolve e alcança os níveis mais profundos da alma humana. Mais do que os discursos, os símbolos e ritos penetram, sem peias, o inconsciente humano, estruturando visões de mundo e de relações, fundindo-se, muitas vezes com as feridas das histórias pessoais e coletivas, com os medos, as frustrações, traumas e questões não devidamente cuidadas...
6. Neste ponto convém conduzir mais as nossas liturgias à tradição mais genuína da Igreja, porque elas nos aproximam do evangelho. A liturgia da Igreja é evangelho em ato, narrado nos cantos, na homilia, nas preces, nos ritos, e no conjunto do jogo ritual tomando a carne da comunidade e manifestando a glória de Deus para o mundo (Jo 1,14). Só a proximidade do evangelho nos faz reconhecer-nos como herdeiros comuns em Cristo: “se somos filhos somos também herdeiros: herdeiros de Deus e cordeiros de Cristo. Se de fato sofremos com ele, também com ele seremos glorificados” (Rm 8,17). A palavra *herdeiro*, no NT atribuída a todos os cristãos, é *klerónomos*. Também atribuída a quem tem alguma função, missão ou ministério, a palavra acabou por designar de forma restrita e usurpada, somente os ministros ordenados da Igreja, os chamados clérigos.
7. A liturgia é o lugar por excelência dos herdeiros, isto é, daqueles que tomam parte da vida do Filho de Deus, o Herdeiro por excelência (Mc 12,7). É ela quem nos dá, em Jesus Cristo, a dignidade de filhos e filhas de Deus pelo Batismo: “vos agradecemos porque nos tornastes dignos de estar aqui na vossa presença e vos servir” (Oração Eucarística II). Essa dignidade advém pelo próprio Batismo que nos torna herdeiros no Filho amado de Deus: “É essa a herança do vencedor, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho” (Ap 21,7). A herança do Filho de Deus, nos é dada pelo Pai que nos adota no Batismo, quando somos enxertados em Cristo (Rm 6,5; 11,24). Portanto, aquilo tudo que pertence a Cristo-cabeça, emana para todos aqueles que foram a ele incorporados (IGLH 7).

Este povo messiânico tem por cabeça Cristo [...] Tem por condição a dignidade e a liberdade de filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como num templo. Tem por lei o novo mandamento de



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

amar como o próprio Cristo nos amou (Jo 13,34). Enfim, tem como meta o reino de Deus... (LG 9).

8. O Concílio devolveu à Liturgia ao Povo de Deus quando retomou, ampliou e aprofundou a noção de participação. Não se trata de uma concessão, mas de um reconhecimento da natureza da liturgia e da importância e dignidade dos batizados, segundo a Tradição. A participação do povo de Deus é algo constitutivo da celebração (SC 79), um princípio reformador de toda a Liturgia. Por ela, os fiéis exercem o seu sacerdócio batismal na celebração (CARDITA, 2018, p. 56). A participação na liturgia é direito e dever de todo batizado (SC 6); é a principal fonte do espírito genuinamente cristão (SC 14); manifesta a pertença ao Corpo eclesial (SC 26); manifesta a Igreja (SC 41). Em uma palavra, pela participação ativa na liturgia o fiel principia sua vocação de sujeito eclesial (*Ibidem*, p. 28).
9. Contudo, as afirmações conciliares e teológicas não fazem evoluir o contexto de recrudescimento do clericalismo e nem promovem sozinhas o sacerdócio comum. É necessário, como parte da recepção da reforma litúrgica, investigar as questões subjacentes, escondidas, para compreender e encontrar um caminho de superação. É este o escopo desta Semana de Liturgia: investigar o sacerdócio comum, como realidade que nasce da Liturgia e nela se afirma em cada celebração. Por muito tempo abordado de forma dogmática e sistemática, o sacerdócio comum dos fiéis foi relegado ao plano existencial, sem as devidas relações com o culto como nos ensina o Concílio (LG 10-11). A abordagem do sacerdócio dos fiéis está intimamente vinculada à nossa compreensão da liturgia. Guardando as devidas proporções, há uma forte equivalência entre a liturgia e o sacerdócio, entre o celebrar e o participar ativamente dos ritos.
10. Mas as dificuldades permanecem: o dogmatismo e o devocionismo, como abordagens distanciadas da liturgia e da experiência do mistério e como impedimentos ao sacerdócio comum. Por muito tempo a liturgia foi abordada de maneira dedutiva (LIBÂNIO; MURAD, 1996, p. 101-103), não a partir do rito e da celebração, mas a partir de conceitos e premissas, fórmulas teológicas, verdades já estabelecidas do grande tesouro da fé. Este procedimento teológico-dedutivo é válido e perdurou na Igreja da Idade Média ao Concílio Vaticano II. Tal teologia e seu modo de abordar os sacramentos resultou em desconsiderar a celebração, o ato ritual em curso, a norma da oração que determina a norma da fé (*lex orandi*).
11. Predominou, outrossim, a *lex credendi*, desconsiderando a liturgia como lugar teológico (TABORDA, 2009, p. 23-53; LIMA, 2021, 4-7). O esquema resultou bem estruturado e apto para responder às demandas apologéticas, acomodado à cristandade, mas também fechada à experiência, às novas questões ligadas às realidades comunitárias e culturais, ao dinamismo da fé em nossos tempos. Predominou assim o dogmatismo frente à compreensão da liturgia, tendo como fiador dessa posição o direito canônico. Curiosamente, até o Concílio, as aulas de liturgia, em geral, eram lecionadas por professores canonistas (sic!). Pesou grandemente sobre a práxis litúrgica a mentalidade rubricista, que consiste em um legalismo fundamentalista.
12. Mesmo com o advento conciliar, permaneceu um forte substrato dogmático, de caráter dedutivo, ainda capaz de impor uma práxis litúrgica segundo princípios teológicos distanciados da experiência, fazendo uma “teologia a partir do alto” (*katabática*) (LIBÂNIO; MURAD, p. 104-105). Esse modo de abordar os sacramentos configurou-se distante das Escrituras, da celebração e da tradição



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaipu, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

patrística, tornando a Liturgia também distante da maioria dos fiéis. Restou-lhes, portanto, as devoções, como alternativa à liturgia que permanecia relegada aos clérigos.

13. Após o Concílio, a situação mudou com a recomendação da SC 16 a respeito da formação litúrgica. A teologia litúrgica afirmou seu lugar no cenário teológico, sobretudo graças aos teólogos do Movimento litúrgico. A liturgia renovada e a teologia que nasce a partir do Movimento Litúrgico indicaram uma abordagem mais indutiva, de baixo, a partir do rito (teologia *anabática*). Não se descartou o aspecto doutrinal, nem as devoções, mas se propôs um caminho mais orgânico e alinhado com a norma da oração (*lex orandi*). R. Guardini nos ensina a capacidade da liturgia para tanto:

Em uma época na qual, de um lado, conceitos e fórmulas atordoam o espírito, de outro lado, um demoníaco materialismo arrasta tudo no sensitivo puro, o homem gostaria de apossar-se intimamente da realidade toda, que é corpo e espírito, forma e luz, ser e significado: isto é, da sã e salva realidade. Mas o mundo só se torna salvo quando aparece na sua verdade: vale dizer, como um mundo que vem de Deus e vai para Deus; criado, salvo e em devir em direção ao renascimento. O mundo é salvo e santo se o seu ente se tornar expressão daquele que o criou à própria imagem. Se ele torna-se – será que posso me exprimir assim? – vulto, lineamento e palavra em que Deus se manifesta... Isso quer dizer que o homem procura na liturgia, conscientemente ou não, a epifania, a aparição luminosa da realidade sagrada, na ação litúrgica; a aparição sonora da palavra eterna, no discurso e no canto; a presença de um Espírito Sagrado na corporeidade das coisas tangíveis. (R. Guardini, *apud* MONDIN, 1979, p. 86-87).

14. O devocionismo, como o excesso, ou vício da devoção, surge neste cenário como uma distorção da própria devoção em seu sentido original e autêntico. Partimos da devoção simplesmente, como um exercício alternativo do povo de Deus frente ao distanciamento doutrinal e ritual da liturgia, impostos ao povo de Deus antes do Concílio. A devoção (*de-votio*) tem variadas acepções ao longo da história da Igreja (CASTELLANO, 2003, p. 190-191), ora mais ligada à Liturgia, ora mais distanciada desta fonte. Sobressai a síntese de Santo Tomás, resumida por J. Castellano: “um movimento da graça que facilita o dom de si, a dedicação às obras do culto divino e particularmente a alguns exercícios de piedade, com o olhar voltado de modo especial para a consideração dos mistérios e dos benefícios divinos”. A devoção cultiva no espírito boas disposições para Deus e para os irmãos, exercita de modo equilibrado a afetividade na experiência religiosa e não se opõe à liturgia, mas dispõe para as celebrações da Igreja.
15. O devocionismo tem como característica principal a presunção de substituição da liturgia e de seu sentido autêntico. Os atos de devoção se propõem responder às demandas imediatas dos fiéis, oferecendo soluções fáceis e duvidosas para questões complexas e delicadas. Assim surgem as promessas de cura, a atribuição de ação demoníaca a dificuldades de saúde como distúrbios psiquiátricos, vícios e conflitos familiares. No devocionismo, a quaresma de São Miguel simula e enfraquece a experiência da Quaresma em preparação para a Páscoa; o culto às espécies eucarísticas são assumidos como equivalentes à celebração da missa; o canto pentecostal se impõe no ato litúrgico; a homilia dá lugar ao sermão; o cuidado, o respeito e o decoro se pervertem em escrúpulo; as práticas exteriores são reforçadas sem referência à prática celebrativa da comunidade, como o uso de véu, a comunhão



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

na boca e de joelhos... Neste horizonte restrito, o sacerdócio comum não tem relevância: a liturgia retorna à sua configuração clericalista e distanciada do povo.

16. É a partir deste pano de fundo que queremos refletir o tema sacerdócio comum dos fiéis, ou sacerdócio universal. Contudo, queremos trilhar o caminho indicado pela Igreja: da *lex orandi* para a *lex credendi*. Isto é, partir da celebração, da assembleia reunida, dos ritos e símbolos em ato, para alcançar o conhecimento da realidade sacerdotal do Povo de Deus. Contamos com importantes ferramentas para nosso trabalho: os métodos mistagógicos e o laboratório litúrgico, as vivências e o longo percurso trilhado pela Rede Celebra e pelo Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard, que sempre se empenharam em uma teologia da liturgia de corte indutivo. Para concluir, recordamos as palavras do Papa Francisco (2017):

A liturgia é vida e não uma ideia a ser compreendida. De fato, leva a viver uma experiência iniciática, ou seja, transformadora do modo de pensar e de se comportar, e não a enriquecer a própria bagagem de ideias acerca de Deus. O culto litúrgico “não é antes de tudo uma doutrina a compreender ou um rito a realizar; naturalmente é também isso, mas de outra maneira, é essencialmente diverso: é uma nascente de vida e de luz para o nosso caminho de fé”. As reflexões espirituais são algo diferente da liturgia, a qual “é precisamente entrar no mistério de Deus; deixar-se levar ao mistério e estar no mistério”. Há uma grande diferença entre dizer que Deus existe e sentir que Deus nos ama, tal como somos, agora e aqui. Na oração litúrgica experimentamos a comunhão representada não por um pensamento abstrato, mas por uma ação que tem Deus e nós como agentes, Cristo e a Igreja. Os ritos e as orações (SC 48), por aquilo que são e não pelas explicações que deles damos, tornam-se por isso uma escola de vida cristã, aberta a quantos têm ouvidos, olhos e coração abertos para aprender a vocação e a missão dos discípulos de Jesus.

Bibliografia:

CARDITA, Ângelo M. S. *Reforma litúrgica para quê?: Revisitando a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Loyola, 2018.

CASTELLANO, Jesus. Devoção. Em: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano. *Lexicon: Dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 190-191.

CONCÍLIO VATICANO. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. Em: *Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos*. Brasília, 2018, p. 21-74.

CONCÍLIO VATICANO. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Em: *Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos*. Brasília, 2018, p. 75-173.

FRANCISCO, PP. *Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional (24 de agosto de 2017)*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >, extraído em 28 de novembro de 2022.

LIBANIO, J. Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.

LIMA, Danilo C. S. A liturgia doméstica e o memorial. Em: PARANHOS, Washington. *Liturgia e eclesiologia: fragilidade e força da Igreja que celebra*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 37-53.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. 2ed. São Paulo: Loyola, 2009.



O RITO COMO FONTE GERADORA DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO: A PREPARAÇÃO DAS OFERENDAS

(Texto provisório, sujeito a correções, alterações e complementações.
Para uso estritamente pessoal até sua publicação)

Pe. Márcio Pimentel

Nossa proposta

A contribuição que me foi solicitada nesta Semana de Liturgia me pareceu uma tarefa grata e, simultaneamente, não tão grata assim... Fazer teologia litúrgica, ou seja, pensar esse Mistério que é Deus revelado em Cristo Jesus, presente no corpo que é a Igreja, enquanto unidade e comunhão em seu Espírito “a partir” do rito da preparação dos dons é gratificante porque:

- a) É um complexo de “trechos” ou “sequências” rituais à qual o Conselho responsável pela reforma litúrgica dedicou grande atenção, de modo que se torna-se uma “pérola” da *actuosa participatio* dos fiéis (que é mais do que participação ativa, *actuosus* significa pleno de vida, de envolvimento visceral, de paixão) dos fiéis;
- b) É um exemplo claro de sã tradição e legítimo progresso, um dos altos princípios conciliares para a reforma da vida cultural da Igreja, já que recolhe e articula o melhor da experiência plural da Igreja, que vem do seu DNA hebraico, da época dos Santos Padres, e as possibilidades de inculturação que este rito suporta na simplicidade, rigor e autenticidade do rito romano;

É uma tarefa não tão grata porque:

- a) É uma das sequências rituais que mais se viu descaracterizada tanto pelo descuido de quem a ignora, quanto dos mal-entendidos que a tornaram lugar do que Dom Armando Buccioli denominou há alguns anos de “criatividade selvagem”; partir da experiência ritual, portanto é algo dificultoso... Talvez, também, sintoma de uma recepção deficitária da reforma litúrgica; uma forma ritual “nova” com uma mentalidade ainda preconceitual (A. Grillo), recentemente potencializada pelas respostas inadequadas à pandemia.
- b) São ritos cuja significação teológica é, no mínimo, questionável, duvidosa, porque sua identidade não aparece clara exatamente em relação à oblação ou sacrifício de Cristo cuja eucaristia é memorial... o quase esvaziamento da perspectiva “ofertorial” é sintoma desta apreciação que acaba por desdenhar este rito tão popular, tão no coração do povo de Deus. Aqui, a gente lembra da fala do Pe. Danilo ontem à noite: dificuldade de compreensão ligada à defasagem da experiência ritual da condição sacerdotal de todo cristão e cristã batizado.

Neste contexto, nosso primeiro desafio será de nos deixar “reencantar” por estes ritos de longa e plural tradição, amplamente comentados pelos padres seja do oriente, seja do ocidente, ao qual denominavam: *sacrifício, oblação dos fiéis, dons, “hóstia”* (no sentido de oferta). A Tradição Apostólica diz que o fiel, quando batizado, deveria na mesma hora apresentar a oblação; No *Ordo Romanus I* ao pao e vinho se diz: *“tibi offerimus”*, no sentido de, “a ti ofertamos”; e não *“tibi afferimus”*, “a ti levamos”. A manutenção do termo “canto do/ao ofertório” deixa a entender a característica oblativa da oferta dos fiéis. A tradição, sem dúvida, nos lega uma concepção oblativa do rito que hoje denomina-se “preparação dos dons”. E é no exercício destes ritos que os fiéis, hoje, podem reencontrar sua vocação de povo sacerdotal concedido no batismo.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Sobre o nosso método

Sendo o método a posição que o estudioso assume diante daquilo que estuda, buscaremos nos situar “no rito” e não apenas “utilizar-nos” do rito. A mistagogia como método teológico-litúrgico por nós assumido – com as devidas ressalvas e adaptações – é um procedimento cuja característica fundamental é exatamente não abandonar o olhar próprio da celebração, que é, em última instância, o olhar da fé. Não basta, em termos de teologia litúrgica, apenas “partir do rito”, mas conservar seu “ponto de vista”. Bonaccorso escreve que o rito é uma forma de olhar o mundo e de conferir-lhe sentido.²

A essência do rito não é qualquer coisa de nuclear, mas a comunidade que o vive, porque o rito é uma modalidade com a qual a comunidade olha o mundo; a substância da liturgia não é qualquer de suas partes, mas a assembleia que a celebra, porque a liturgia é a revelação com a qual a assembleia enxerga a história. Um modo de olhar que não se realiza mediante o uso adequado de um instrumento, mas graças ao constituir-se do olhar. No rito, e não apenas com o rito, a comunidade é construída como um olhar sobre o mundo e sua história, sua vida, seu universo.³

O próprio “Mistério da fé”, a morte e ressurreição do Senhor, surge “a partir” do olhar que o rito e somente ele pode conferir... O Papa Francisco em *Desiderio Desideravi* 7 deixa isso muito claro:

O conteúdo do pão partido é a cruz de Jesus, seu sacrifício em obediência de amor ao Pai. Se não houvesse tido a última Ceia, ou seja, a antecipação ritual de sua morte, não poderíamos compreender como a execução de sua sentença de morte poderia ser o ato de culto perfeito e agradável ao Pai, o único e verdadeiro ato de culto.

O rito tem, portanto, uma característica não somente determinante, mas originante do ato de fé, porque é fundante e também nos permite dele tomar parte... o Papa continua:

Algumas horas depois, os apóstolos poderiam ter visto na cruz de Jesus, se tivessem suportado seu peso, o que significava “corpo oferecido” e “sangue derramado”: e é isso que fazemos memória em cada Eucaristia. Quando ele retorna, ressuscitado dos mortos, para repartir o pão para os discípulos de Emaús e para os que voltaram a pescar os peixes – e não homens – no mar da Galileia, esse gesto abre os olhos deles, cura-os da cegueira infligida pelo horror da cruz, tornando-os capazes de “ver” o Ressuscitado, de acreditar na Ressurreição.

Por essa razão, para “confeccionarmos” uma adequada teologia litúrgica do sacerdócio batismal, o método do Concílio é o que segue:

É por isso que a Igreja se esforça empenhadamente para que os fiéis cristãos não assistam a este mistério da fé como espectadores estranhos ou mudos, mas que, compreendendo-o bem nos seus ritos e preces, participem consciente, ativa e piedosamente na ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também em união com ele, aprendam a oferecer-se a si mesmos e, por Cristo mediador, dia a dia consumados na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.

“*Per ritus et preces*” é o caminho de conhecimento integral do Mistério: - enquanto experiência “na mediação” dos ritos – e mediação não significa uso instrumental, como se eu pudesse abrir mão depois que perde utilidade (não posso abrir mão porque o rito existe enquanto uma experiência do corpo (percepção) e de corpo (o Mistério enquanto corpo pessoal e comunitário, nossa identificação com Cristo a partir de um processo simbólico pelo qual nos assemelhamos a Ele); - enquanto “discurso”, “explicação” na ótica do rito... e assim

² G. Bonaccorso, *Il rito*. Padova: Edizioni Messaggero, 2015, 6.

³ G. Bonaccorso, *Il Rito*, 6.



34.ª SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

nasce a teologia litúrgica (já enquanto se celebra... é o sentido de a primeira mistagogia ser a própria celebração, conforme ontem dizia Pe. Danilo).

Parte I – seção litúrgico-fenomenológica

O problema

Como descrever o rito da “preparação das oferendas”? Bastaria tomarmos o livro litúrgico – no caso a IGMR, o Ordinário e o Próprio conforme o encontramos no Missal? Evidentemente que não. O rito não existe senão no corpo-que-celebra. A liturgia não está no livro, mas é o procedimento pelo qual se passa do livro (programa ritual) à *performance*, do modelo da prática à prática do modelo. Não custa lembrar que o modelo surge de uma práxis que se tornou normativa para uma comunidade eclesial concreta. Sua descrição vem com o tempo, dada a necessidade de firmar a tradição, sobretudo quando a Igreja em sua forma concreta (uma diocese) se expande para além de seus limites geo-culturais. Fixar a forma do rito num formulário é um procedimento que visa a manutenção da identidade, sobretudo quando se entra em contato com a alteridade cultural e religiosa de novos sujeitos, novos povos.

No nosso caso, trataremos este momento “descritivo” em dois momentos. O primeiro, lançando mão da experiência celebrativa de ontem à tarde, em seguida, tomando nas mãos o livro litúrgico, que é uma referência fundamental para nós. Nossa primeira postura não deverá ser analítica, que guardaremos para o segundo momento, como a descrição que buscaremos não serve para encontrarmos uma estrutura da preparação dos dons, porque nem mesmo dela necessitamos, uma vez que já nos é dada pela Instrução Geral e pelo próprio Ordinário. Buscaremos, em primeiro lugar, o que o livro litúrgico não pode nos dar por si só, que é o conhecimento do Mistério enquanto estivemos “imersos” no Mistério mediante o rito. O convite é para que recuperemos e empreguemos aquele mesmo olhar, aquela mesma percepção enquanto celebrávamos, até onde é possível. Se trata de um “ver fenomenológico” que se torna um “ver litúrgico” e finalmente, um “ver orante”.⁴

Alguns passos para nos ajudar:

- a) Mantenha-se em silêncio, confortável no seu assento, feche os olhos e permita-se transportar-se para a tarde de ontem com sua imaginação; permita-se refazer o caminho do lugar onde fizemos a “experiência de corpo”, cantando, fazendo ciranda, curtindo uns aos outros pele na pele, mão na mão, dando-nos e recebendo os demais... em seguida mergulhando no silêncio e depois sendo arrastado para o canto que nos reuniu e foi nos transformando em um só corpo... a nossa voz buscando o timbre dos demais para fazer um só som que se tornava pouco a pouco gesto, unidade, comunhão... visualizemos a cruz iluminada quase tão somente pela luz de uma pequena chama que dançava... recuperemos o odor do incenso abrindo espaço em nossa consciência para uma presença que sempre nos ultrapassa... com aquela mesma cruz nos deixamos assinalar; a partir daquela cruz foi-se desvelando-se as demais nas lembranças sofridas e narradas a ponto de nos arrastar empaticamente; recordações que nos feriram porque acordaram dores e despertaram o luto... até que uma voz reconfortante nos convocou para peregrinarmos, para avançar, caminhando juntos... e chegando no lugar do repouso, da pausa restauradora – rezamos... depois de haver passando pela Liturgia da Palavra e sermos introduzidos na dinâmica oblativa da eucaristia. Chegando neste ponto, diminua o ritmo desta peregrinação para dentro de

⁴ Cf. Ivica Zizic. *Coram Deo: Riti e ritmi dela preghiera liturgica*. Assisi: Citadella Editrice, 2020, 113-128.



34.ª SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

sua memória, do final da oração dos fiéis para o início do rito de preparação dos dons...

- b) Começa a tocar o canto de apresentação das oferendas, instrumental, sem canto. Dar tempo para que se reinstale o clima da noite anterior.
- c) Ainda com os olhos fechados, busque veja-se junto aos demais orientando-se para o altar, cantando e dialogando, fazendo aliança... levando pelas mãos de alguns irmãos o pão e vinho, depondo-os pelas mãos de outro, sobre o altar enquanto se entoava a bênção... recomponha as cenas, veja-se dentro delas “atuando”; tende dar-se conta daquilo que ganha forma em você na medida em que os gestos se dão, um após o outro...

Compartilhando as percepções:

- na preparação dos dons, o que você pode dizer quanto ao seu envolvimento n’alguma das ações rituais; - como você foi afetado/afetada pelo que acontecia; - quais os indícios que você estava “entrando” no evento e que evento era esse? Verificou alguma transformação?

- d) A descrição a partir do método simbólico-funcional tendo como referência a IGMR e o Ordinário da Missa. Este caminho de leitura e interpretação do livro litúrgico nos é proposto pelo liturgista Pe. Silvano Maggiani, morto há dois anos. É um método que respeita a “complexidade” (que não significa complicação!) de cada “sequência ritual” que forma uma trama denominada “preparação dos dons”. Por complexo entende-se o que não pode ser “reduzido” a algo tipo “essencial”, de modo que se destrincha do que é secundário ou sem importância; tudo no rito é importante como processo; cada parte é vista em razão do todo... Ele sugere cinco “pontos de vista”:

1. Do ponto de vista da sequência ritual da preparação dos dons, mantendo-nos dentro da ótica do “agir”, uma vez que o rito não é discurso ou ideia:⁵

- Terminada a oração dos fiéis, canta-se o canto de ofertório; o altar é preparado mediante a abertura do corporal e demais alfaias, traz-se o cálice (vazio, se não tiver sido preparado de antemão) e o missal. Em seguida (deinde!) as oferendas (*oblaciones*) são levadas (*afferentur*) ao altar, preferencialmente pelos fiéis em procissão. Também outros donativos podem ser trazidos pela assembleia (em dinheiro ou de outra natureza) ou mesmo serem recolhidos e depois levados a um lugar adequado, que não seja o altar. Durante todo este rito, entoa-se o “canto do/ao ofertório” (*cantus ad offertorium*). Os dons são recebidos por quem preside ou pelo diácono. São depositos sobre o altar enquanto (*comitantibus*) são proferidas as *berakhot*. Se estas bênçãos forem recitadas em alta voz ou mesmo cantadas, cessa-se o canto do/ao ofertório. Segue-se, se oportuno, a incensação das oblatas, do altar, da cruz, do ministro que preside e do povo. Lavadas as mãos, o presidente procede com a oração sobre as oferendas, precedida do convite “Orai, irmãos” pelo que é preparada a oração eucarística.

2. Do ponto de vista dos atores, no intuito de perceber a dinâmica plurisubjetiva e intersubjetiva, que gera o “sujeito” da *práxis ritual*.⁶ Os fiéis que estavam de pé até a oração universal, na sua maioria assentam-se. A *Schola* entoa o canto do/ao ofertório, do qual estes tomam parte da mesma maneira que ocorre com o canto de entrada. Enquanto isso, os ministros acólitos e/ou diácono preparam sobre a mesa os objetos necessários. Tudo isso se orienta à acolhida dos dons (pão e vinho) que serão trazidos pelos fiéis, incluídos os donativos e espécie (dinheiro) ou de outra ordem para o

⁵ Cf. S. Maggiani. *Epistemologia litúrgica: come studiare l’azione litúrgica*. In. Liturgia Opus Trinitatis, xxx, 182.

⁶ Cf. S. Maggiani. *Epistemologia litúrgica*, 183.



sustento da comunidade e serviço aos pobres. São recebidos por quem preside, que os depõe sobre o altar dialogando com os demais fiéis uma bênção dirigida a Deus.

3. Do ponto de vista do tempo e espaço: aqui estamos atentos ao que se dá enquanto ritmo ou sequenciamento do processo ritual, os limites de cada sintagma (trecho) ritual, sua interação com toda a trama celebrativa, com o que vem imediatamente antes – a oração dos fiéis – e o que virá depois – a oração eucarística. São passagens a considerar: - de uma a outra parte da missa, numa perspectiva estrutural, pois os ritos ofertoriais estão no limiar, onde desemboca a Liturgia da Palavra e pelo que tem início a Liturgia eucarística; - dentro da perspectiva dialógica que marca toda a celebração, temos a passagem de uma postura mais “receptiva” dos fiéis, acentuada na Liturgia da Palavra pela escuta, à uma postura mais “responsiva”, pelo que a assembleia enquanto corpo se faz mais ativo e toma parte diretamente. No que se refere ao espaço, a atenção migra do Ambão e da “nave” para o recinto do altar. Deslocam-se os ministros com suas ações, bem como a atenção ao polo celebrativo mais importante e significativo tanto do edifício quanto da liturgia, que é o Altar. Até o momento, a Mesa é eloquente no silêncio de sua figura que se impõe. A partir de então ele mesmo falará, na medida em que se torna “objeto” de cuidado, de atenção. Ele se fará sujeito e tornará também sujeitos aqueles que dele se aproximam e tomam parte; o fazem tomando parte na procissão quando oferecem seus dons; pelo olhar, quando acompanham seus irmãos que levam pão e vinho; o altar se faz um lugar “qualificante” porque gerador de significados.

4. Dos gestos e objetos: neste item da análise deparamo-nos com o universo da linguagem não-verbal, geralmente pouco valorizada na recepção e aplicação da reforma litúrgica, também quanto ao seu estudo. Os ritos ofertoriais são riquíssimos em termos de gestualidade e manipulação de objetos que, no âmbito psicológico são sempre “transicionais”.⁷ No que se refere à gestualidade um dos elementos mais eloquentes e evocativos da condição de sujeito da assembleia é a procissão do ofertório, na qual os fiéis levam (*afferre*) e ofertam (*offere*) o pão e vinho, bem como outros donativos, pelo que exprimem sua participação “direta” no sacrifício.⁸ O movimento é de aproximação (proxêmica) do altar; se faz como abertura por parte dos fiéis que se deslocam (cinese) de seu posto ao recinto do altar.⁹ O gesto processional não é puramente funcional – porque os fiéis devem mover-se de modo organizado de um ponto a outro – mas é uma ação simbólica: é a Igreja em seu estado manifestativo, de ser reunião e simultaneamente caminho (*processio* em geral traduz *synodos* para designar a assembleia litúrgica), povo que caminha junto, como uma só realidade, um só corpo.¹⁰ Estes gestos criam uma intencionalidade... uma orientação perceptiva comum...

⁷ Cf. A. Bertazzo. *L'oggetto religioso com eogetto transizionale*. In Rivista Liturgica 107(2020), 19-34.

⁸ O Ordinário é muito claro ao classificar os donativos dos fiéis como oblação pela qual manifestam sua participação no sacrifício: “*Expedit ut fideles participationem suam oblatione manifestent, afferendo sive panem et vinum ad Eucharistia celebrationem, sive alia dona, quibus necessitatibus Ecclesia et pauperum subveniatur.*” (Convém que os fiéis manifestem sua participação na oblação apresentando seja o pão e vinho para a celebração eucarística, seja outros dons, para o auxílio das necessidades da Igreja como também dos mais pobres). A tradução portuguesa na terceira edição modifica a frase: “Convém que os fiéis expressem sua participação, trazendo uma oferenda, seja pão e vinho para a celebração da Eucaristia, seja outro donativo para auxílio da comunidade e dos pobres.” O Missal italiano é mais fiel: “*È bene che i fedeli esprimano la loro partecipazione all'offerta*”.

⁹ O Missal prevê que estas ofertas possam ser realizadas em outro lugar no espaço da Igreja. Talvez isso se explique devido às condições de possibilidade concretas de cada edificação não serem suficientes para uma procissão ao altar.

¹⁰ Aqui, podemos fazer um paralelo entre os ritos iniciais que dispõem os fiéis à Liturgia da Palavra e os ritos ofertoriais que constituem o “oferente” para a Liturgia Eucarística. Em ambos, o primeiro gesto é o canto e a procissão. O que está em jogo na linguagem não-verbal é a epifania do sujeito Cristo-Igreja. Tudo contribui à que chamamos “experiência de corpo”, pelo



5. Dos atos linguísticos: este momento da celebração aparece com alto teor simbolizante graças a relação entre ação e palavra, gestualidade e eucologia. Nesta perspectiva nota-se como o *Ordinário* prevê um processo pelo qual a noção de “ofertório” que antes do Concílio era enfocada de modo inadequado, com uma prolepse que obscurecia o caráter de ápice da oração eucarística, pela qual se dá a oblação do sacrifício de Cristo, tal e qual, agora vê-se restaurada para que o único sacrifício seja ritualmente de experimentado de modo gradativo. A opção de nomear os “ritos ofertoriais” de preparação dos dons (*praeparatio donorum*) tinha a finalidade de modificar o acento. No entanto, o significado ofertorial não desaparece, mas é ajustado a um contexto mais articulado na liturgia eucarística, de modo que tenhamos um só movimento oblato num processo ritual mais desenvolvido e adaptado à participação da assembleia.¹¹ A dimensão performativa da eucologia configura a assembleia como sujeito da oblação. Por estes ritos a igreja inteira deveria fazer-se e sentir-se “oferente”. Nesta perspectiva é importante focar três elementos constitutivos do complexo ritual, que serão tratados na segunda parte de modo mais desenvolvido:

a) o canto do/ao ofertório; as rubricas do ordinário indicam que o canto abre os ritos ofertoriais.¹² Pelo gesto de cantar realiza-se não apenas a eclesialidade (pela união das vozes, como no canto de entrada), mas tem início o movimento oblato cujo ápice é a anáfora, na qual o sacrifício de louvor – forma ritual do sacrifício da cruz – é oferecido.

b) as *berakot*: as duas bênçãos com as quais são admitidas ao altar as oblatas trazidas pelos fiéis são uma novidade da reforma litúrgica, muito apreciadas por S. Paulo VI. Há um primeiro nível de “transformação” pelo que o que é oferecido se faz símbolo de quem oferece. Isso ficará patente na Oração Eucarística, quando, por exemplo, se diz que o sacrifício oferecido faça dos fiéis congregados uma perfeita oferenda. A bênção, mesmo anabática, isto é, ascendente, traz consigo uma força, um dinamismo transfigurante. A “coisa” deixa de ser mero “objeto” e faz-se parte da criação, dom de Deus e do ser humano pelo seu trabalho (não é um item *in natura*, mas *per cultura*).

c) a oração sobre as oferendas: é uma peça tradicional da eucologia romana e conclui os ritos ofertoriais, tendo preparado os fiéis para o passo seguinte no movimento oblato, pelo que a humanidade assumida (no pão e vinho) será convertida em presença divina graças ao memorial em andamento, já que os ritos ofertoriais correspondem ao primeiro gesto de Jesus: “Tomou o pão... o vinho...” (cf. IGMR 72). Esta prece lê e faz da eucaristia “o” sacrifício, único e uma vez por todas, de Cristo, participado pelo seu Corpo que é a Igreja.

II Parte – Seção litúrgico-teológica (não apresentada)

Conforme dissemos no início, nossa proposta metodológica pretende “confeccionar” uma teologia do sacerdócio batismal “a partir” dos ritos ofertoriais, sem renunciar à ótica do próprio rito. Isso significa que, para ser de fato uma teologia litúrgica é preciso manter o olhar que lhe é próprio, para não reduzi-la a uma “fonte” de dados teologizáveis ou, o que seria pior, toma-la como argumento de autoridade. Para isso, partimos do próprio rito, de sua

que os fiéis partilham a mesma intencionalidade, mediante a assunção do mesmo gesto, do mesmo canto, da mesma orientação da percepção.

¹¹ Cf. Márcio Pimentel, RL ...

¹² “*His absolutis, incipit cantus ad offertorium.*” Literalmente: “Estes terminados (os ritos da Liturgia da Palavra), tem início (no sentido de principiar e encabeçar) o canto do/ao ofertório.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

experiência, tendo como referência as antigas mistagogias, bem como do livro litúrgico, com a análise simbólico-funcional. Agora, cabe-nos avançar no trabalho e o faremos considerando níveis da práxis ritual em questão, a saber: a *manuductio*¹³ do livro litúrgico enquanto “autoconsciência que a Igreja tem do significado da sua liturgia”,¹⁴ a Escritura com referencial do evento celebrado e a Eucologia enquanto assimilação e resposta orante e eclesial a este referencial escriturístico.

1. A IGMR

O recurso à Instrução Geral que é parte do livro litúrgico, sua mais fundamental mistagogia, é garantia de não escaparmos ao registro ritual. E, embora sejam justas algumas críticas a alguns acréscimos na terceira edição típica que aproximam certas passagens da IGMR do superado *Ritus Servandus*,¹⁵ é uma novidade da reforma litúrgica que deve ser reiteradamente valorizada e sem a qual não se pode perscrutar as riquezas teológicas do livro litúrgico, também no que consta de sua aplicabilidade concreta.

Explicitamente sobre a questão do sacerdócio batismal é preciso afirmar que é a condição que faz competente o sujeito que celebra não só a Eucaristia, mas a Liturgia como um todo, já que se trata do exercício da missão sacerdotal de Cristo (SC 7). Se o sujeito que celebra a Eucaristia é toda a Igreja enquanto corpo de Cristo¹⁶, e a eucaristia é convívio e sacrifício simultaneamente (cf. IGMR 1-5.27), para ser “celebrante” é preciso tornar-se oferente.¹⁷ É este “significado”, em um primeiro nível, que os ritos ofertoriais realizam na assembleia dos fiéis. Temos aqui um elemento de relativa descontinuidade em relação à forma ritual pré-conciliar. Antes, “os fiéis tinham a impressão que isto (os ritos realizados sobre o altar) fossem reservados ao sacerdote celebrante, como último baluarte no qual os sacerdotes defendiam as prerrogativas do sacerdócio ministerial diante da inovação do sacerdócio laical”.¹⁸ A IGMR e Ordinário agora garantem pela própria sequência ritual, na concatenação das várias ações, que se trata de um só movimento oblato, desdobrando-se pouco a pouco até chegar ao seu ápice, que é a oferta sacrificial celebrada com prece eucarística. E este fluxo oblato começa com uma ação de toda a Igreja que é o canto do/ao ofertório. É um gesto eclesial, portanto, ministerial mas sem pertencer a nenhum ministro em particular, mas ao todo do Corpo de Cristo.

Figurando como “preparação dos dons”, conforme dito antes para não acentuar demasiadamente a dimensão oblato – o que ocorria antes com o “pequeno cânone” na forma ritual pré-conciliar, como uma antecipação que esvaziava o sentido litúrgico-espiritual da prece eucarística. Os ritos ofertoriais do nosso Missal explicitam a forma do sacrifício e estipulam o modo de participação dos fiéis. O que é dito no próêmio da IGMR¹⁹, como

¹³ “Um documento litúrgico requer também uma *linguagem litúrgica*, inspirado na celebração e nas suas expressões. Se propõe derivar a doutrina da Igreja dos textos, dos ritos da celebração. Realiza a relação entre *lex orandi* e *lex credendi* no significado primigênio. Deseja fazer ver o conteúdo doutrinal e fazê-lo viver não teoricamente, mas na participação ao mistério. Conteúdo e linguagem da *Institutio* querem fazer-lhe um *documento formativo*. Antes de tudo para o sacerdote e os ministros celebrantes, de modo que não sejam simples executantes de normas, mas capazes de assimilar o que celebram (...). Querem fazer-lhe um documento-guia também para a catequese (...). Querem, enfim, fazer-lhe um guia para uma celebração inteligente.” C. Braga, *Chiavi di lettura delle premesse al messale romano di Paolo VI*. In *Liturgia* 164(2001), 154.

¹⁴ G. Boselli, *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, 80.

¹⁵ Cf. Carlo Cibien, *Il linguaggio non verbale nel nuovo Missale Romanum: “Ars celebrandi” o “ritus servandus”?* In *Rivista Liturgica* 90(2003), 549-553.

¹⁶ Cf. CIC xxx.

¹⁷ Cf. E. Lodi. *Partecipazione attiva o concelebrazione dei fedeli alla Messa?* In *VV.AA. Il nuovo rito della Messa. Testo e commento*. Colle Don Bosco: Elle de Ci – Torino-Leumann, 1969, 142.

¹⁸ E. Lodi, *Partecipazione attiva o concelebrazione dei fedeli alla Messa?*, 142-143.

¹⁹ “O nosso Salvador na última Ceia instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue para perpetuar o sacrifício da cruz até a sua volta, e para confiar à Igreja, sua esposa muito amada, o memorial de sua morte e ressurreição. (...) Assim, no novo Missal a regra de orar da Igreja corresponde à perene regra de crer, que nos ensina a identidade, exceto quanto ao modo de oferecer, entre o sacrifício da cruz e sua renovação sacramental na Missa, que o Cristo Senhor instituiu na última Ceia e mandou os Apóstolos fazerem em sua memória.” (IGMR 2). O Papa Francisco interpretou magistralmente em *Desiderio*



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

ressonância do Concílio Vaticano II acerca da natureza simultaneamente convivial e sacrificial da Missa, vê-se refletido na dinâmica litúrgica dos gestos de preparação da Mesa, configurando-o altar do sacrifício na modalidade querida por Jesus que é a forma de refeição:

Jesus quis celebrar um *rito do seu sacrifício* que simbolizasse os dados do seu sacrifício existencial, e não escolheu um rito sacrificial para simbolizá-lo; na comunidade de fé de Jesus não tem outro sangue derramado senão o seu “uma vez por todas” (cf. Hb 7,27). Jesus antes de sua morte, aboliu o rito sacrificial e o instituiu como um banquete que simbolizasse toda a sua vida e toda a sua morte.²⁰

Longe de qualquer redução funcional, a preparação dos dons evoca o único múnus sacerdotal em vigor na Igreja – o sacerdócio de Cristo – através do exercício batismal e ministerial devidamente coordenados ritualmente. Aquilo que vai ganhando forma em cada fase ritual – canto, abertura do corporal e colocação do cálice, purificador e missal pelos ministros, procissão dos fiéis trazendo as oferendas, as bênçãos do pão e vinho com sua colocação sobre o altar, o ato de incensar as oblatas, o altar, a cruz, o presidente, ministros e o povo e finalmente a oração sobre os dons – é participação direta de todos os batizados, cada um segundo o estado eclesial que lhe é próprio, no único sacrifício pelo que se chegará ao cume naquele “*offerimus*” (nós vos oferecemos) comunitário pronunciado pelo presidente na oração eucarística, referindo-se a ele e a todo o povo santo de Deus.

Conforme desejara Paulo VI na restauração dos ritos ofertoriais, os gestos e palavras neste momento da celebração deveriam envolver o máximo possível a assembleia. Neste sentido, a procissão ofertorial é parte integrante do Ordinário e não deveria ser omitida. Assim escrevia, em 1967, Paulo VI: “Parece incompleta a parte que diz respeito ao ofertório: seja porque deles os fiéis não tomam parte, ao passo que deveria ser a parte da Santa Missa na qual a ação deles é mais direta e evidente, seja porque as fórmulas do ofertório são reservadas ao celebrante somente, em silêncio e em latim”.²¹ A partir daí o rito ganha contornos dialógicos sempre mais significativos de modo a envolver a assembleia que, nas palavras e SC 48 não deve portar-se como assistente muda, mas tomar parte no sacrifício de Cristo já nesta “fase” da grande sequência da liturgia eucarística.

2. A Escritura

Sacrosanctum Concilium exprime-se claramente sobre o lugar insuperável da Sagrada Escritura na Liturgia cristã:

enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais. (SC 24)

Deste modo, conceber uma teologia do sacerdócio comum dos fiéis “a partir” da Liturgia é comporta ler e interpretar “liturgicamente” algumas páginas bíblicas que ganham vida como *performance ritual*. Gostaríamos, antes de tudo, de fazer uma ressalva.

Desideravi 7 tanto a relação entre o sacrifício da cruz e sua forma ritual no pão partido, a Última Ceia, como também a indispensável antecipação simbólico-sacramental com o recurso imprescindível à ritualidade.

²⁰ L. Di Simone, *Liturgia secondo Gesù. Originalità e specificità del culto Cristiano. Per il ritorno a una liturgia più evangelica*. Firenze: Edizioni Feeria, 2003, 184-185.

²¹ A. Bugnini. *A Reforma Litúrgica (1948-1975)*. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2018, 320.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Deveria ser evidente que o evento celebrado na eucaristia sendo sempre o Mistério Pascal, é evocado na sua totalidade mas acentuado segundo o momento salvífico em evidência no ano litúrgico. Ou seja, ao celebrarmos a eucaristia, é sempre a oferta da cruz da qual tomamos parte nos ritos iniciais, da Liturgia da Palavra, da Liturgia Eucarística e ritos finais. A eucaristia é toda ela “sacrifício”, pelo que renunciamos a antiga designação de “missa didática” e “missa sacrificial”, próprias do modelo pré-conciliar. Sendo este sacrifício oblação do Verbo de Deus feito carne, feito pessoa humana, cada celebração dominical por exemplo, nos permite peregrinar pelos vários “mistérios” (no plural!), qual pequenas tesselas do único mosaico que é “o Mistério” da Páscoa de Jesus. Em cada passagem de sua vida a cruz foi sendo insinuada, de modo que “não se deve pensar na ação sacrificial da cruz extrapolada de toda a vida terrena de Jesus: a cruz foi *o momento culminante*, final, *deste sacrifício*, o momento da imolação!”²² Isso faz da eucaristia, mesmo a Liturgia da Palavra, modalidade de participação no sacrifício e faz da Liturgia eucarística, meio de participação na Revelação, porque a Liturgia “toda” é “da Palavra”. Por consequência, cada celebração eucarística, embora mantendo a mesma estrutura ritual, em que comparecem os mesmos elementos - as mesmas ações, as mesmas palavras, o mesmo sujeito – nos dá acesso à oferta de Cristo sob prismas diferentes. Neste sentido, uma teologia do sacerdócio comum “a partir” dos ritos ofertoriais no Natal não será a mesma de uma celebração dominical no tempo comum ou ferial. O ambientamento cultural, litúrgico e o momento existencial da assembleia farão a diferença. Por isso, neste ponto de nossa conversa, não nos preocuparemos de fornecer uma palavra definitiva, de modo que a teologia litúrgica é sempre algo por fazer e não caberá jamais em nenhum manual.

Feita a ressalva, propomos observar um dado bíblico tomado como critério na IGMR para estipular o significado unitário da preparação dos dons que é o gesto de Jesus tomar o pão e o cálice:

Cristo, na verdade, tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e deu-o a seus discípulos dizendo: “Tomai, comei, bebei; isto é o meu corpo; este é o cálice do meu sangue. Fazei isto em memória de mim”. Por isso a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo. De fato:

- 1) na preparação dos dons levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;
- 2) na oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oferendas tornam-se o corpo e sangue de Cristo;
- 3) pela fração do pão e pela comunhão, os fiéis, embora muitos, recebem o corpo e o sangue do Senhor de um só pão e de um só cálice, do mesmo modo como os apóstolos, das mãos do próprio Cristo.

O que é comum a tríade gestual de Jesus – tomou o pão, deu graças, partiu e deu – identificado com as quatro fases da celebração da oblação – preparação dos dons, oração eucarística e comunhão – é o apelo às “mãos”, que o cânon romano soleniza com a expressão “santas e veneráveis”.

Sobre as mãos, propriamente ditas, evocam a pessoa enquanto tal, pela qual a “mão é o ser humano”, nas palavras do pré-socrático Anaximandro.²³ Na Sagrada Escritura a mão, relativa à gesticulação, implica o estabelecer-se de relações comunicativas, de vínculos, contratos e alianças. Sabe-se do costume em Israel de rezar com as mãos espalmadas e braços

²² L. Di Simone, *Liturgia secondo Gesù*, 185.

²³ Cf. S. Schroer, T. Staubli. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, 195.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

erguidos, também do gesto de impor as mãos e de abençoar e – claro – de oferecer o sacrifício de louvor.

Nos evangelhos sinóticos e em 1Cor não são explicitamente nomeadas, mas referidas indiretamente pela ação de “tomar” – em grego λαβὼν ἄρτον. Entre uma e outra menção temos pequenas variantes: só Mateus cita o nome de Jesus, não o fazem Marcos, Lucas e 1Cor; Mateus e Marcos dão o contexto “enquanto comiam”, Lucas omite e 1Cor introduz “na noite que ia se entregue”. No verbo λαμβάνω se entrecruzam os significados de dar e receber e ocorre em uma gama muito variada de situações. O importante em nosso caso, é o fato de o gesto denotar um movimento pelo qual algo é tomado nas mãos (próprio no ato de tomar a refeição) e no sentido conotativo, assumir e possuir (ou ser possuído). Tomar nas mãos o pão que, após a bênção será partido e depois distribuído como símbolo da entrega de si e pelos convivas recebido e comido, é um gesto de grande força. Jesus toma “a si mesmo” nas mãos, no sentido que ali concentra sua história, suas opções, seus afetos, suas palavras. A cena nas escrituras capta o momento pelo qual Jesus se mostra em processo de simbolização, naquilo que temos de mais original de sua prática ritual. Ele se tem nas mãos e pode dar-se nas mãos dos seus e finalmente nas mãos do Pai, conforme se canta no SI 30/31: “Eu me entrego, Senhor, em tuas mãos”. O gesto de “tomar nas mãos” é fundacional quanto ao modo com o qual Jesus concebe o sacrifício, a oferta de si mesmo cujo ápice é a cruz.

A ritualidade da preparação dos dons é preponderantemente uma *performance* de pés que caminham e orientam o corpo – procissão; mas sobretudo uma liturgia das mãos que dispõem a mesa (ministros), traz os dons (fiéis), recebem as ofertas (diácono/presbítero), bendizendo depõem sobre o altar (presidente), abertas e erguidas oram a Deus (presidente). No rito, estas interações dão forma ao Corpo de Cristo enquanto “en-corporam” tanto o sacerdote quanto a vítima e o próprio sacrifício; Ele que toma nas mãos (sacerdote) a si mesmo (vítima) no sinal do pão e do cálice, respectivamente partido e compartilhado, ambos oferecidos para gerar, proteger e conservar a vida (sacrifício). Na preparação dos dons, portanto, se dá um fato prévio e necessário à prece eucarística que é, por um lado, a identificação do pão e cálice com vinho com a assembleia oferente – é ela que processionalmente (= Igreja) traz e entrega os dons que serão interpretados como expressão de si nas *berakot*; a identificação dos oferentes com a mão de Deus estendida ao mundo que é Cristo mesmo, ou seja, o rito lhe permite o assemelhar-se ao único sacerdote, quando nas mãos toma o pão e o cálice.

3. A Eucologia

A importância das orações litúrgicas para a teologia litúrgica reside, sobretudo, no fato de serem resposta orante à Palavra de Deus. É fruto do exercício cultural e sacerdotal da assembleia, que intui o falar de Deus em um momento concreto de sua vida, ao escutar o testemunho das Escrituras pela boca de seus ministros. Neste sentido, a eucologia é sempre um passo hermenêutico, interpretativo da página bíblica. As orações, como vimos antes na análise simbólico-funcional são atos de fala ou atos ilocutórios – atos de linguagem. Na liturgia, quando se tornam voz, corpo em diálogo, deixam de ser literatura e ganham o *status* de ação pelo que algo acontece, se realiza. Nas palavras de Austin, são *performativos*, ou seja, quando o dizer é um fazer. Mas são *performativos* na medida em que dão origem a uma realidade nova, dando forma, fazendo aparecer ou manifestar-se um evento. No caso da Liturgia, dizer uma prece, elevar um louvor ou súplica revela e perfaz a identidade da Igreja, de ser prolongamento histórico-salvífico da obra de Cristo, agindo nEle. Se a assembleia ministerialmente constituída é o Corpo de Cristo, os ritos – gestos e palavras da Liturgia – são



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

suas mãos, seus pés, sua boca, sua voz, diz Morena Baldaci.²⁴ É isso que chamamos de *performance ritual*. Deste modo, na eucologia fala o Verbo de Deus por nossa boca, sua ministra.

Nos ritos ofertoriais, na fase da preparação dos dons, temos duas peças mais propriamente eucológicas, sendo uma mais tradicional, a oração sobre as oferendas com o seu convite “Orai, irmãos e irmãs” e as *berakot* ou simplesmente, bênçãos do pão e do vinho, essas uma novidade da reforma litúrgica nem sempre valorizadas.

Começando pelas *berakot*, sabemos que foram compostas no quadro da restauração dos ritos ofertoriais como uma ação ritual que deveria envolver diretamente a assembleia. Por ocasião da chamada “missa normativa”, celebrada na presença do Papa com a finalidade de pôr à prova o processo de revisão do ordinário e chegar a uma forma aceitável dentro dos critérios do Concílio, Paulo VI mostrou-se descontente porque os ritos ainda permaneciam restritos ao presidente e feitos em latim e em voz baixa, o que comprometia sua eficácia.²⁵ À época, a solicitação do Pontífice era “um só esquema de fórmulas que exprimam o conceito da oferta do trabalho humano inserido no sacrifício de Cristo e se dê a participação ativa do povo, pelo menos quando não se canta. Naquele caso (se houver canto), as fórmulas seriam ditas em voz baixa.”²⁶ Depois de estudos vários e diversas consultas chegou-se à formulação que temos hoje no Missal, com a participação da assembleia mediante uma aclamação tradicional, oriunda da *Didaché*. Houve todo um cuidado para que não se incorresse numa antecipação da oblação, transformando essas orações em um “pequeno cânone” como ocorria antes. No entanto, o resultado não foi esse, pois fica clara que está em jogo com as bênçãos a dimensão oblativa numa perspectiva de “disponibilidade ao sacrifício”, gera uma intencionalidade ofertorial, uma orientação comum da assembleia ao ato oblativo. A pedido do Papa mantêm-se a frase “que vos oferecemos” (*quem Tibi offerimus*) para manter o tom ofertorial, sem, contudo, exceder seu significado antecipando a oferta propriamente dita.

Deve-se ter em conta que uma fórmula de bênção é um ato ilocutório, na medida em que não apenas “informa” ou “comenta” algo, mas que interfere de modo transformante na realidade das coisas. A pergunta é: o que acontece com o pão e o vinho quando são depostos sobre o altar enquanto as *berakot* são pronunciadas? Evidentemente que não é a transformação em corpo e sangue de Cristo oferecido ao Pai conforme o mandato do memorial, essa é a oblação do sacrifício propriamente dita, realizada com a Anáfora. Mas algo se dá, sem dúvida, pois se trata de um processo de simbolização. Na tradição judaica, de onde vem a ação de bendizer a Deus, primeiramente e depois, as coisas e pessoas (bênção ascendente e descendente), uma *berakah* interfere na ordem das coisas e revela a própria antropologia hebraica ao situar o ser humano perante Deus, os demais e o mundo. Carmine di Santi o explica assim:

a *berakah* define a tríplice relação com Deus, com o mundo e com os seus semelhantes. Mais porém do que a tríplice relação, que se poderia definir como triangular. A *berakah* não somente impede que se separe Deus do homem (teologia especulativa) e do mundo (teologia desencarnada), nem o homem de Deus (antropologia atéia) e do mundo (antropologia pseudo-espiritual), nem o mundo de Deus (cosmologia secularizada) e do homem (cosmologia estetizante), mas mantendo unidos e inserparáveis os três pólos, fixa suas condições, graças às quais permanecem na verdade. Em relação ao homem e ao

²⁴ Cf. M. Baldaci, (completar referência)

²⁵ Cf. M. Barba, *La riforma conciliare dell' "Ordo Missae"*, 271.

²⁶ Idem, 272.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaiçuba, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

mundo, Deus é a “fonte” e a “norma” (...); em relação a Deus e ao mundo o homem é o intérprete e o beneficiário (...); em relação a Deus e ao homem, o mundo é sacramento e é dom (...).²⁷

A bênção, portanto, é um rito epifânico, revelador da verdadeira natureza das coisas, enquanto atreladas necessariamente a Deus, mais especificamente à sua Palavra criadora, pois tudo vem à existência pelo Verbo divino.²⁸ O que se dá enquanto as bênções são recitadas no diálogo entre a assembleia e o ministro presidente, a Igreja tendo o pão e vinho nas mãos, é o delinear-se de uma relação amorosa que tem sua máxima expressão no sacrifício de Cristo. São vários os níveis de significados possíveis que resumiremos assim: Deus é fonte – criador e guia – do humano e seu mundo, e este põe a si mesmo e ao mundo deliberadamente em suas mãos, oferecendo o pão e vinho enquanto expressões de si, para que sejam transfigurados na imagem do Verbo, que fazendo-se refeição inseriu-nos na dinâmica paterno-filial – o *convivium* – com a qual Deus mesmo dá-se a conhecer. Essa ação é claramente *sacerdotal* – o ser humano “está no centro do mundo e o unifica com o seu ato de bendizer a Deus e também de oferecê-lo”.²⁹ Por este gesto, todo fiel batizado pode cutualmente e não só existencialmente, participar na oblação única de Cristo, sem “concorrer” ou solapar o *sacerdócio ministerial* do presbítero ou do bispo que presidem a eucaristia. Antes, colaborando organicamente e agindo sinergicamente pelo “nós eclesial” das orações que seguem, a *super oblata* e sobretudo a oração eucarística.

A oração sobre as oferendas conclui este passo dos ritos ofertoriais que é a preparação dos dons, dentro do fluxo do único movimento oblativo que é a eucaristia. Não é um elemento novo, como o são as *berakot*, mas provém de antiga tradição registrada nos antigos sacramentários e que passou aos missais. Esta oração se abre com um diálogo, o “Orai, irmãos e irmãs” que quase foi eliminado do *Ordinário* por ser de origem tardia e ter sido, paulatinamente, sequestrado do povo no período de clericalização da eucaristia. É, na verdade, um desenvolvimento do convite “Oremos” à oração presidencial, como ocorre na oração coleta e que, com o passar do tempo tornou-se uma “apologia”: o presidente solicitava à comunidade que orasse por ele para que o sacrifício oferecido fosse aceito. Mas, uma vez mais, dada uma sugestão de Paulo VI, conservou-se porque foi considerada uma “joia” da participação ativa, tal e qual o movimento litúrgico havia reconhecido.³⁰ Mesmo com as críticas ao seu conteúdo³¹ figurando ainda nos ritos da apresentação dos dons, pode-se tomar como um valor a forma dialógica entre o presidente e o povo, deslocando o acento para o único sacrifício a ser oferecido, conforme as versões em vernáculo. Em português, a terceira edição típica manteve uma tradução literal seguida de três possibilidades, que já eram previstas na segunda edição típica. A respeito da oração sobre as oferendas, também sobre esta há críticas de especialistas por interromper o fluxo da apresentação dos dons em relação à oração eucarística.³² Agora dita em voz alta, devemos salientar que engloba no “nós eclesial” o ministro ordenado e a assembleia como sujeitos da oferta, tal e qual ocorrerá na prece eucarística, superando a redução representativa do primeiro em relação ao segundo. Ou seja, a complexidade e organicidade dos ritos ofertoriais permitem que a assembleia exercite sua parte na única oblação, no que lhe é próprio, em diálogo com aquilo que é atribuição ministerial. Embora haja uma certa antecipação do que será realizado com a prece eucarística

²⁷ C. Di Santi. *Liturgia judaica. Fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2010, 47.

²⁸ Manual de Bênções, xxiii (completar citação – manual judaico)

²⁹ A. Schmemmann, citado por G. Boselli. *O sentido espiritual da liturgia*, 89.

³⁰ Cf. M. Barba, *La riforma conciliare dell' "Ordo Missae"*, 278-279.

³¹ Cf. F. Taborda. *O memorial da Páscoa do Senhor. Ensaio litúrgico-teológico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009, 146.

³² Cf. V. Raffa. *Liturgia eucarística. Mistagogia dela Messa: dalla storia e dalla teologia ala pastorale pratica*. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 1998, 365.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

– a oblação propriamente dita – não exerce uma tensão tão significativa como ocorria antes da reforma litúrgica. Esta linguagem antecipatória aliás, é bastante comum na patrística, basta por exemplo lembrar que Cipriano chame os dons trazidos pelos fiéis de *sacrificium*.³³ De nossa parte, compreendemos que aparece muito mais como uma síntese de toda a preparação dos dons relacionando-a explicitamente e inserindo-a dentro do único ato sacrificial ou oblatoivo como ação da Igreja toda, que é exigido como cumprimento do mandato do Senhor a todo fiel batizado e não redutível à deputação ministerial, embora esta não seja dispensável e não seja apenas conveniente, porque constitutiva dentro da própria natureza da linguagem ritual.

³³ Idem, 367.



A PIEDADE POPULAR: LUGAR TEOLÓGICO DE SOBREVIVÊNCIA DO SACERDÓCIO BATISMAL

Ir. Maria da Penha Carpanedo, pddm

Introdução

A ação sacerdotal do povo nasce da liturgia (sacramentos da iniciação à vida cristã) e encontra nela seu ponto culminante e sua fonte permanente. Isto significa que a participação litúrgica é uma exigência imprescindível no exercício do sacerdócio batismal (cf. SC 14). Contudo, em nossa tradição ocidental, o povo foi impedido de participar da liturgia. O latim que no século IV fora adotado para promover essa participação, por ser a língua mais conhecida do povo, permaneceu por mais de um milênio, mesmo quando o povo já não falava mais o latim, mas as línguas neolatinas. Além disso, o processo de clericalização cada vez mais crescente, contribuiu para negar ao povo a sua condição de sujeito eclesial. Aos poucos a participação ativa e consciente do povo na liturgia foi se tornando impraticável.

Um catolicismo de sobrevivência da fé

1. *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia* (DPPL, n. 29) afirma que
no amplo espaço de tempo que vai do século VII até a metade do século XV determina-se e acentua-se progressivamente a diferenciação entre Liturgia e Piedade Popular, até se criar um dualismo celebrativo: paralelamente à liturgia, oficiada em latim, desenvolve-se uma piedade popular comunitária, que se expressa em língua vernácula.
2. Note-se que se trata de uma piedade comunitária e no idioma do povo, não apenas com o seu código linguístico, mas também com sua sensibilidade, afetividade, gestualidade.
3. No Brasil, mais do que a partir da Bíblia e da Liturgia, a nossa Evangelização foi feita a partir deste catolicismo medieval (anterior ao Concílio de Trento), trazido pelos missionários que aqui chegaram no século XVI. Ele veio como parte da colonização e da imposição cultural, mas foi reinventado em contato com as culturas indígenas e africanas, a partir da sua dura luta pela sobrevivência, física, cultural, religiosa. O *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia*, chega a afirmar que a Piedade Popular “é a primeira e mais fundamental inculturação da fé” (n. 91).
4. Essa Piedade Popular não é acervo histórico, é um catolicismo leigo, de resistência e de sobrevivência da fé católica dentro de uma realidade muito concreta³⁴ de pobreza, analfabetismo, isolamento, falta de acesso à evangelização e à liturgia da Igreja... Muitas expressões são de caráter oral e visual, porque boa parte do povo não foi alfabetizada. Há oração para fechar o corpo, porque os pobres estão vulneráveis à violência e aos perigos de toda ordem, como as doenças e ataques de animais. As inúmeras referências ligadas à natureza se explicam pela importância da chuva e do sol, da lua e das estações na sobrevivência do povo do meio rural. No dia a dia, seus fiéis recorrem ao serviço das benzedadeiras e rezadeiras, que realizam uma verdadeira pastoral da saúde com orações e remédios. Portanto, um jeito de celebrar a fé profundamente ligada à vida.

³⁴ VAN DER POEL, Francisco [Frei Chico]. *Com Deus me deito, com Deus me levanto*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 31.



5. É um catolicismo construído à margem da Igreja oficial e dos poderes públicos, mas com grande senso de pertença eclesial e de fidelidade às práticas religiosas oficiais, pois preza as expressões da fé e os costumes que o identificam com a comunidade eclesial. O batismo é o maior sinal dessa pertença, ainda que não tenha o mesmo sentido atribuído pela doutrina oficial.³⁵ O povo construiu um verdadeiro sistema com os fragmentos recebidos da Igreja e da liturgia oficial, com direito a um ano litúrgico popular, um calendário próprio, procissões de penitência, orações de cura, sentinela de defunto. É uma piedade “variada em suas expressões e profunda em suas motivações” (DPPL, n. 183).
6. Mesmo desprovido de evangelização, pouco acostumado ao mundo das letras, o saber do leigo foi se construindo e se solidificando. A partir de ouvir e de aprender com os missionários, esse saber foi ganhando forma nas rezas, como expressão de uma fé muito enraizada, vivida no cotidiano da vida, quase sempre muito dura e marginalizada. A Palavra de Deus está presente nas orações e nos benditos, nas histórias de “quando Deus andava no mundo” e no ensinamento da sabedoria popular.
7. É um catolicismo comunitário, que se expressa e se alimenta nas *ações rituais*, não apenas com o seu código linguístico, mas também com sua sensibilidade, afetividade, gestualidade, textos poéticos, música e canto, imagens, lugares e tempo, beleza visual e a alegria da festa.³⁶ Os ritos são conhecidos por todos e a linguagem contribui para que haja uma participação efetiva: cantos de repetição, resposta única nas ladainhas, refrãos, sem precisar de papel. Há ministérios: rezadores, coordenadores/as de folias e novenas, conselheiros/as, puxadores das reza e dos benditos. O povo se reúne nas casas, ou nas pequenas capelas do interior para fazer novena, cantar benditos, acender uma vela, cantar o Ofício da Imaculada, celebrar um santo, rezar por um defunto e consolar uma família, visitar um doente, rezar o terço, acender fogueira, levantar o mastro, comer e beber coisas gostosas... O povo sabe lidar com a linguagem ritual e o faz de maneira verdadeira, autêntica.

A influência da romanização

8. Com a Proclamação da República em 1889 e a separação entre a Igreja e Estado, veio para o Brasil a reforma do Concílio de Trento, encabeçada pelo Concílio Vaticano I, que consistia no esforço pela uniformidade doutrinária, a supervalorização da moral, centrado no clero e nos sacramentos. Este movimento que os historiadores chamam de “romanização” se impôs no Brasil, sobretudo nas cidades, em momento de busca de autonomia da Igreja em relação ao Estado, e teve como divulgadores as Congregações religiosas missionárias.
9. Foi um movimento que continuou negando ao povo o direito à evangelização e à participação na liturgia, que continuava em latim. Em vez disso, a pregação com ênfase na doutrina e na moral e uma espiritualidade devocional, mais individual que comunitária (terço, devoção eucarística, devoção ao Coração de Jesus).
10. Em relação ao catolicismo popular, segundo o Padre José Comblin, os agentes da romanização tratavam o povo do Catolicismo Popular, como iletrado e ignorante e entendiam que, por isso precisava de catequese. Quando, na verdade o povo não era ignorante da sua religião, ao contrário, praticava um catolicismo de muita sabedoria,

³⁵ Cf. CNBB. *Procurando novos caminhos. Pastoral do batismo de crianças*. São Paulo, Paulinas, 1997. Este pequeno opúsculo, que contou com a colaboração do padre Domingos Ormonde, fala das motivações vitais, com um olhar profundamente positivo sobre as dinâmicas do povo.

³⁶ Cf. CONGRREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre Piedade popular e Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 14 a 20.



que se transmite por tradição oral, de geração em geração, desde que os portugueses o trouxeram para cá há quatro séculos.³⁷

11. O catolicismo conservador que se configurou a partir do Concílio de Trento e chegou ao Brasil no século XIX, deveria ter se transformado a partir da reforma do Concílio Vaticano II. Mas houve resistência por parte de alguns grupos, e nos últimos anos, estes “grupos” conservadores, apoiados pelo neo-clericalismo emergente, veiculados pelas mídias católicas, com enorme influência nas comunidades e paróquias, sorrateiramente estão trazendo de volta a mentalidade e as formas anteriores ao Concílio Vaticano II. As redes de televisão “católicas” dão a este Catolicismo Tradicional um alcance massivo que, sem elas, não teria e os padres cantores e artistas das novas comunidades, sob a autoridade midiática, agremiam comunidades e católicos desavisados para garantir os auditórios.
12. Além de ignorar os princípios do Concílio Vaticano II, estes grupos se apropriam dos símbolos da Piedade popular, dentro deste modelo eclesial clericalista, carregado de subjetivismo que nada tem a ver com a fé do povo. Juntam no mesmo lugar a espiritualidade pentecostal do movimento carismático que, em si, é mais livre e laical, com uma prática tradicional, hierárquica e bem moralista... Um exemplo emblemático desta apropriação indevida é o Ofício da Imaculada Conceição nas TV’s católicas ([ver vídeo](#)).

O exercício do sacerdócio batismal

13. Quanto ao catolicismo popular uma das declarações mais bonitas é de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, n. 48:

Encaradas durante muito tempo como menos puras, algumas vezes desdenhadas, essas expressões [da religiosidade popular] constituem hoje em dia, mais ou menos por toda a parte, o objeto de uma redescoberta. Ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade.

14. Pelo sacramento da iniciação cristã o povo participa, efetivamente, dos três ofícios de Cristo: profeta, sacerdote e rei e do *sensus fidei* da vida da Igreja (*O Sensus fidei*, n. 4). De fato, o Espírito Santo lhe confere a capacidade de oferecer sacrifício de louvor a Deus, de elevar a ele orações e súplicas e, em primeiro lugar, a fazer da própria vida um “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (cf. Rm 12,1). (DPPL, n. 85).
15. O senso de fé que o povo tem é que o levou a encontrar o modo de fazer. O documento *O Sensus fidei* reconhece que a piedade popular “provém do *sensus fidei* e o manifesta”, e enfatiza que tal piedade é “uma realidade eclesial suscitada e guiada pelo Espírito Santo, pelo qual o povo de Deus recebe na verdade a unção de um sacerdócio santo”.³⁸

³⁷ Cf. COMBLIN, José. Prolegômenos da Catequese no Brasil. Em: *REB* 27 (1967), p. 848.

³⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Sensus fidei, na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 110.



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

16. “Sobre esse fundamento sacerdotal, a piedade popular ajuda os fiéis a perseverarem na oração e no louvor a Deus Pai, a darem testemunho de Cristo (cf. At 2,42-47) e, mantendo a vigilância na expectativa da sua gloriosa vinda, dá razão, no Espírito Santo, da esperança da vida eterna (1Pd 3,15); e, enquanto preserva aspectos qualificadores do próprio contexto cultural, expressa os valores de eclesialidade que caracterizam, embora de vários modos e diversos graus, tudo aquilo que nasce e se desenvolve dentro do Corpo Místico de Cristo” (DPPL, n. 86).
17. O povo pobre e humilde, que muitas vezes está além das fronteiras visíveis da Igreja, tem um acesso privilegiado às verdades profundas de Deus, que se manifestam numa “vida teologal animada pelo Espírito Santo que foi derramado em nossos corações (Rm 5,5). A este povo se aplica as palavras de Jesus: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11,25). (*O Sensus Fidei*, n. 111).

Piedade popular e liturgia

18. Nas diversas regiões do Brasil, quando a ação do clero se restringia, sobretudo às cidades, com uma pastoral doutrinária e sacramentalista, foi o Catolicismo Popular que garantiu o exercício do sacerdócio batismal do povo católico. Mas essa piedade, desenvolvida no campo e nas periferias urbanas, e sobretudo em comunidades entregues à própria sorte, sem nenhum acompanhamento pastoral, sem qualquer oportunidade de viver uma experiência mais profunda e genuína de evangelização e de celebração do Mistério da Fé, se de um lado se livrou do excessivo centralismo institucional, de outro, se desviou, sobretudo por influência da romanização, não raro, para um devocionalismo decadente.
19. Eis porque desde o Movimento litúrgico que culminou no Concílio surgiu a urgência de devolver ao povo de Deus o direito à uma nova evangelização e à experiência de compreender o mistério “nos ritos e preces” (cf. SC 48), mediante uma participação ativa e consciente, e de descobrir a liturgia como “primeira e mais necessária fonte de vida cristã” (SC 14).
20. Ao afirmar a liturgia como ápice e fonte da vida cristã litúrgica, a *Sacrosanctum Concilium* fez uma ressalva importante: “a vida espiritual não se limita unicamente à participação da Sagrada Liturgia” (SC 12); a Piedade Popular deve estar em sintonia com a Liturgia, nela se inspirar e a ela conduzir o povo cristão (cf. SC 13).
21. Na América Latina, a partir de Medellín, foi-se criando um novo olhar positivo em relação ao Catolicismo do povo, e houve grande esforço de reaproximação ao catolicismo popular por parte dos teólogos e da pastoral. Puebla, também, em 1979, trata da liturgia junto com ‘oração particular’ e com ‘piedade popular’ (Documento de Puebla, n. 895-963). Recomenda “promover adaptações adequadas particularmente aos grupos étnicos e ao povo simples (grupos populares)” (Documento de Puebla, n. 940). O documento do CELAM que relata as conclusões do encontro latino-americano realizado em Lima, em 1982, sobre “Adaptação na Liturgia”, lembra que “o desafio fundamental da renovação litúrgica na América Latina seria o de conseguir uma liturgia adaptada aos diversos grupos culturais e que consiga eliminar o abismo entre liturgia e expressão religiosa do povo cristão”.³⁹ Sugere, ainda, “desencadear um processo de ‘mútua fecundação’ entre liturgia e religião popular”,⁴⁰ para que sejam “integrados os anseios de oração e vida cristã que se podem comprovar em nossos países dando à liturgia um maior dinamismo”.⁴¹

³⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Adaptar a Liturgia*, 1984, n. 68.

⁴⁰ *Ibidem*, n. 20.

⁴¹ *Ibidem*, n. 62.



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

22. Ao tratar da harmonização da Piedade Popular com a Liturgia, o Diretório lembra que não se trata de uma relação de oposição, nem de substituição, nem de equiparação, mas de interação, pela qual se valoriza as riquezas da piedade popular, sem perder de horizonte a primazia da Liturgia (cf. DPPL, n. 50).
23. Foi isso o que aconteceu como o Ofício Divino das Comunidades. Partindo da tradição litúrgica da Igreja de celebrar o mistério pascal das horas de Jesus em nossas horas e de oferecer um sacrifício de louvor nos salmos, hinos e orações, buscou uma mútua fecundação com a piedade do povo “integrando os anseios de oração e vida cristã que podem comprovar em nossa países” (n. 20 e 62) e “desencadeando um processo de mútua fecundação entre Piedade popular e Liturgia” (20). De fato, a SC 83 diz:

Jesus Cristo une a si toda a humanidade e a associa ao seu cântico de louvor. E continua exercendo este sacerdócio, na Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação do mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pelo Ofício Divino.

O Diretório completa: “Os fiéis exercem o sacerdócio batismal não somente na celebração eucarística, mas também em outras expressões da vida cristã, entre as quais as manifestações da piedade popular” (DPPL, n. 85).

24. O Ofício das Comunidades é duplamente um lugar de exercício do sacerdócio batismal:
- Primeiro, porque foi devolvido ao povo depois de séculos, como fonte geradora do sacerdócio batismal.
 - E segundo, porque retorna, incorporando a piedade popular que garantiu o lugar desse sacerdócio batismal durante o tempo em que esteve ausente da vida da Igreja.



**A IGREJA E A CASA:
O SACERDÓCIO BATISMAL EXERCIDO ENTRE ESPAÇO E TEMPO⁴²**
1^a parte

Dom Jerônimo Pereira Silva, osb

Uma janela aberta, a possibilidade de um vento que provoca uma “bagunça” numa mesa organizada com os seus papéis. Diante de tal “desastre” existem duas opções: procurar organizar as coisas para que continuem exatamente como antes (o que é praticamente impossível, alguma coisa fica “fora do lugar”), ou aproveitar para “reordenar os papéis”. Essa segunda opção é a melhor imagem/metáfora da Igreja do Concílio Vaticano II que imperava na mente do papa João XXIII.

O Concílio foi preparado por “movimentos”: **Bíblico** (fins do séc. XVII), **Patrístico** (“Erasmus de Rotterdam [1467-1536] humanista primeiros passos); **Litúrgico** (Lambert Beauduin – Bélgica 1913); **Ecumênico** (1910); **Missionário** (séc. XIX); **Catequético** (década de 40) etc.

O método do Concílio: *ad fontes*. Também a liturgia se descobriu bíblica e em linha de continuidade com a *historia salutis*. A liturgia cristã na sua originalidade recebe conteúdo e forma como herança do culto de Israel (a Igreja é inúmeras vezes apresentada como “o novo Israel”). Ponto significativo a sublinhar é o equilíbrio em Israel entre templo e a casa; nele a casa tem precedência tanto do ponto de vista histórico quanto teológica. De fato, as grandes festas de Israel se caracterizam pela interdependência entre templo e casa.

A Igreja da casa

Assim como aconteceu com Israel (cf. Ex 12), a igreja nasceu numa casa, precisamente, numa sala de jantar, ao redor de uma mesa (cf. Mt 26,17-20), num culto doméstico. Em todo o período apostólico a Igreja se identificou como **a Igreja da casa**. É comum que Paulo o sublinhe: “Enviam-vos efusivas saudações no Senhor Áquila e Priscila, com a Igreja que se reúne na casa deles” (1Cor 16,19; cf. Rm 16,3-5); “Saudai os irmãos de Laodicéia e Ninfas, bem como a Igreja que se reúne em sua casa” (Cl 4,15).

Convém salientar que o substantivo “casa” pode ter ao menos dois sentidos: o edifício e quem nele habita ou que lhe tem grau de parentesco (“Eu a minha casa serviremos ao Senhor [Js 24,15]; “Da casa de Davi, seu servidor, fez irromper a força que nos salva” [Lc 1,69]). O batismo era a porta de entrada da “casa”, em ambos os sentidos, do edifício (os diáconos, mais tarde os *ostiários* estavam à porta para identificar os “membros da família”) e da família de irmãos.

A casa era o lugar da oração, o lugar onde se rezava sozinho (cf. At 10,9) ou comunitariamente (cf. At 2,46). Essa “reunião de oração” constituía a “*ecclesia*”, termo grego que significa literalmente “congregação (de cristãos)”, “assembleia de irmãos” convocados de acordo com uma lei própria, com um fim comum, etc.

Nas orações domésticas comunitárias, usavam-se salmos bíblicos, cânticos e bênção, ou composições de um gênero literário semelhante: “Recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai de todo o coração os louvores do Senhor. Rendei graças, sem cessar e por todas as coisas, a Deus Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo!” (Ef 5, 19-20), era uma constante exortação paulina (cf. Cl 3,16- 17).

As preces comunitárias incluíam louvor e bênçãos, agradecimento, profissão de fé, leituras; súplicas para superar as tentações, para cumprir a vontade de Deus, pelo perdão dos seus perseguidores, pela salvação de Israel, por ajuda na pregação do Evangelho, pela vinda

⁴² Cf. SILVA, J. Pereira. “O bom filho à casa retorna: o retorno do Ofício Divino para o seu lugar de origem”, *Revista de Liturgia* 283 (1/2021) 4-7; HAMMAN, A.-G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos* (95-197). São Paulo: Paulus 1997.



do reino, pelo perdão dos pecados, pelos governantes, para obter sabedoria, santidade e para não mais pecar, pela força, pela perseverança, pela fé, pela esperança, pelo amor e pela saúde, pela revelação, pela iluminação e pelos dons do Espírito Santo. Vindos do judaísmo, os primeiros cristãos, observavam, certamente os momentos de oração dos seus antepassados, especialmente, o nascer e o por do sol.

A Igreja da casa, tinha uma forma “caseira” de se comportar. Ela se entendia uma reunião de irmãos. Ao lado da oração comum estava o cuidado para com os marginalizados, o anúncio do Evangelho, o testemunho, etc. A Igreja vive essa experiência de oração como comunidade missionária, povo sacerdotal: louva o Senhor não só pela celebração eucarística, mas também pelo ofício divino (cf. SC 83).

Da Igreja da casa à casa da Igreja

O espaço físico era determinante para que acontecesse uma “assembleia”. “A casa era, pois, a célula-mãe tanto da Evangelização quanto da celebração. Algum cristão, cuja casa fosse suficientemente ampla, punha-a à disposição. O quadro doméstico gerou e assegurou a continuidade da existência da Igreja. Em torno dele reuniam-se os convertidos, as famílias e as ‘casas’. O lugar ocasional do encontro passava a ser habitual”. O dono da casa que hospedava a reunião acabava se tornando o “presidente” natural da comunidade e das ações litúrgicas ali realizadas, o presbítero, o presidente, o ancão. Havendo crescimento do grupo, de tal modo que o espaço se tornasse pequeno para quarenta ou mais pessoas, alugava-se uma casa, ou se conseguia uma por doação. Derrubadas as paredes divisórias criava-se um espaço suficiente para a reunião, conservando “espaços familiares” capazes de identificar o edifício como casa, tais como sala de convivência, cozinha para a preparação do ágape que seguia a celebração litúrgica, etc. No ambiente da casa é gerada a vida litúrgica da Igreja, com a Eucaristia e o Ofício Divino.

Era a Igreja da casa que se identificava com a casa da Igreja. Casa e Igreja eram sinônimos. A forma do espaço, com as suas divisões, móveis, utensílios etc. dava “forma” à comunidade que se sentia família. Esse processo era assinalado pela identidade. Os irmãos se [re]conheciam em todos os sentidos: irmãos, servos, necessitados, auxiliares, batizados, sacerdotes: povo de Deus, raça eleita, povo sacerdotal, corpo de Cristo cabeça: o que é Cristo, são todos os seus membros. A fonte principal é o batismo que transforma todos nele, no ser dele! É a lição da mesa da casa. Essa é a teologia da casa.

Da casa da Igreja à casa de Deus (da divindade)

Com a proclamação do cristianismo religião oficial do Estado (380), entre tantas outras coisas, o lugar da identidade espaço-temporal da comunidade sofreu drásticas mudanças, passando de casa da Igreja à “casa do rei” [βασιλική], construíram-se basílicas. A casa mudando de forma, mudou a forma de formar a Igreja. Os ambientes espaciais perderam a identidade “original” (de origem), móveis e utensílios foram estilizados e, dentre outras coisas, a Igreja-família (casa) passou a ser identificada com a massa anônima e sem rosto, sem identidade; a mesa da casa da família (a principal escola da Igreja da casa, e da casa da Igreja) foi “drasticamente” transformada “unicamente” em altar (negando, lentamente, a possibilidade de o “comum” dos irmãos dele se aproximarem e proibindo completamente, mais tarde, às irmãs de cruzarem o limiar que o circundavam) e por meio, gestos, sinais e linguagem, somente alguns, dentre os que já são ele, poderiam ser “transformado” nele. Criaram-se duas categorias de coisas e de pessoas. Coisas e pessoas comuns, coisas e pessoas sagradas. De um lado casas de pessoas, do outro lado, a casa da divindade⁴³; de um lado povo, não mais identificado como casa (família) e do outro, sacerdotes, os únicos que agem “in

⁴³ *Terribilis est locus iste: non est hic aliud nisi domus Dei et porta caeli* (Gn 28,16).



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

persona Christi”. Na teologia da basílica somente alguns se tornam o que ele é! Essa teologia predominou todo o segundo milênio.

Da casa (somente) de Deus à casa (ao menos) do povo de Deus

A constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG, do *latim*: “Luz das gentes”) é uma das quatro constituições do Concílio Ecumênico Vaticano II, juntamente com *Dei Verbum* (DV), *Sacrosanctum Concilium* (SC) e *Gaudium et Spes* (GS).

Aprovada no dia 21 de novembro de 1964, tem como tema específico a Igreja e como conteúdo, a sua autocompreensão – o que é, sua função espiritual e sua organização. O método da construção do autoconhecimento foi o do abandono da linguagem teórica [conceitual/jurídica] e a assunção da linguagem bíblico/patristica imagética.

Em particular, surgem na constituição algumas imagens solidamente enraizadas nas Escrituras, nem sempre meditadas e aceitas, especialmente por aqueles que identificam a Igreja exclusivamente como um poder, hierarquia ou organização humana. Além de apresentar a Igreja como sacramento de salvação (n. 1), povo de Deus (cap. II) e corpo místico de Cristo (n. 7), no n. 6 nos é dado a conhecer “a natureza íntima da Igreja nos é dada a conhecer por diversas imagens tiradas quer da vida pastoril ou agrícola, quer da construção ou também da família e matrimônio”, a saber: redil e rebanho; esposa imaculada do Cordeiro, peregrina e construção de Deus (1Cor 3,9). “Esta construção recebe vários nomes: casa de Deus (1Tm 3,15), na qual habita a Sua «família»; habitação de Deus no Espírito (cf. Ef 2,19-22); tabernáculo de Deus com os homens (Ap 21,3); e sobretudo «templo» santo”.

A prece de dedicação do *Ritual de dedicação de igreja e altar* (1977) a reconhece esposa, vinha, *casa de oração*, tabernáculo de Deus com o ser humano, templo santo que se constrói com pedras vivas, cidade construída no cimo da montanha. Não a chama de casa do povo de Deus. Tudo permanece ainda na esfera do sacro. As bênçãos das famílias e das casas do Ritual de Bênção (RB) não fazem nenhum aceno à “casa” (família/edifício) como lugar/espço celebrativo eclesial⁴⁴. Prevalece a teologia da basílica, em detrimento à teologia da casa.

“Casar” o culto para familiarizar a Igreja

A crise da pandemia da covid-19 chamou-nos a atenção para um espaço, até então pouco considerado na sua valência eclesial: a casa. As nossas casas se tornaram o nosso espaço de salvação sanitária para nos indicar a sua função de espaço de salvação relacional com os seus habitantes. Ela evidenciou que a Igreja ainda não se reconhece como casa, nem a casa como lugar eclesial. A preocupação primeira foi manter a todo o custo a teologia da basílica “transmitida” “virtualmente” para dentro das casas da Igreja.

Da análise feita a partir do artifício da metonímia (continente pelo conteúdo) o modelo da *Igreja da casa* (um tempo proposto pelas CEBs) é o espaço genético e a escola do

⁴⁴ **Bênção da família:** “Deus de misericórdia, criador e reparador do vosso povo, que fizestes da família humana, constituída pela aliança nupcial, o sacramento de Cristo e da Igreja, derramai a abundância das vossas bênçãos sobre esta família reunida em vosso nome, para que aqueles que nela vivem unidos pelo amor sejam fervorosos no espírito e assíduos na oração, solícitos uns pelos outros e atentos às necessidades de todos e deem testemunho da fé pela palavra e pelo exemplo” (RB 57). - “Nós Vos bendizemos, Senhor, que, na vossa infinita misericórdia, quisestes que o vosso Filho, feito homem, fizesse parte duma família humana, crescendo no ambiente da intimidade doméstica e conhecendo as suas preocupações e alegrias. Humildemente Vos pedimos, Senhor: guardai e protegei esta família, para que, fortalecida pela vossa graça, goze de prosperidade, viva na concórdia e, como Igreja doméstica, seja no mundo testemunha da vossa glória” (RB 58). A mesma dinâmica para a bênção anual das famílias (n. 84-86).

Bênção de nova residência: “Assisti, Senhor, os vossos servos, que, ao inaugurar (hoje) esta casa, imploram humildemente a vossa bênção, para que, estando em casa, encontrem em Vós um refúgio, ao saírem, Vos tenham por companheiro, ao regressarem, Vos sintam como hóspede, até que um dia cheguem felizmente à morada para eles preparada na casa do vosso Pai” (RB 487).



sacerdócio eclesial/batistal⁴⁵. É preciso voltar à experiência da fonte para encontrar um equilíbrio entre as celebrações (ou os ritos, a liturgia) estruturais e estruturantes da casa de Deus (Márcio⁴⁶ e Frei Joaquim⁴⁷) e as celebrações (ou os ritos, a liturgia) originárias e “originantes” das casas do povo de Deus (Penha⁴⁸ e Danilo⁴⁹). Em poucas palavras, é da categoria da necessidade “familiarizar (casar)” o culto para familiarizar a igreja. Da experiência da bênção da mesa, podemos parafrasear Henri de Lubac: “nos faz família” (comunidade de amor).

Para que sejam autênticas essas formas celebrativas elas devem ser imperiosamente (fatalmente, porque está em jogo a vida) virtuosas (*virtus*: força real) não virtuais (forças simuladas).

O SIMULACRO DA IGREJA E DA CASA

O “ESPAÇO” VIRTUAL: LUGAR PARA O EXERCÍCIO DO SACERDÓCIO?

2^a parte

Dom Jerônimo Pereira Silva, osb

Introdução

O sociólogo judeu polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) lecionando a partir de 1971 na Universidade de Leeds, na Inglaterra, *começou a analisar os efeitos da globalização* e da modificação das relações sociais e políticas após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), plantando o gérmen do que viria a ser o conceito de *modernidade líquida*, que surgiria com força e distinção na sua obra em 1990.

O conceito de modernidade líquida diz respeito a uma “nova época” em que as relações sociais, religiosas, econômicas e de produção são frágeis, são fugazes e maleáveis, como os líquidos. O conceito opõe-se, na obra de Bauman, ao conceito de modernidade sólida, quando as relações eram solidamente estabelecidas, tendendo a serem mais fortes e duradouras.

A modernidade líquida e os ritos

A *modernidade sólida*, apesar dos muitos aspectos negativos, era para Bauman caracterizada principalmente pela *solidez* das relações humanas e sociais e, conseqüentemente, religiosas. Segundo o sociólogo polonês, a partir de 1960 começou-se a observar que *as relações econômicas se tinham sobrepostas às relações sociais e humanas*, abrindo espaço para que cada vez mais houvesse uma fragilidade de laço entre pessoas e de pessoas com instituições.

⁴⁵ A oração familiar é sempre ideal, mas em nossas realidades, nem sempre real. Na maioria das vezes, nem todos os membros da família rezam e, na realidade de pequenos espaços, precisamos, se não competir, ao menos *com-viver* em vias coincidentes de situações existenciais, as quais, se não são contrárias, ao menos se colocam como paralelas com a da prática da oração. As celebrações das novenas de Natal, por exemplo, dos “terços em família” e dos “Ofícios de Nossa Senhora”, nos ensinam que há uma liturgia doméstica, da casa, eclesial, que engloba a família, mas a supera. A celebração na casa se torna fenomenologicamente eclesial quando não se fecha em si mesma, mas se dilata na direção dos vizinhos, dos amigos e amigas, dos “irmãos e irmãs com quem nos permitimos arriscar a vida. É a liturgia da casa. É a experiência mais genuína de Igreja, comunidade dos que creem em Jesus Cristo.

⁴⁶ PIMENTEL, Márcio. “O sacerdócio comum dos fiéis ‘a partir’ do rito da preparação dos dons”.

⁴⁷ FONSECA, Joaquim. “A importância do canto da assembleia no exercício do sacerdócio batistal” (1^a parte); “Canto e música enquanto rito e seu lugar no exercício do sacerdócio batistal da assembleia” (2^a parte); “A importância dos ministérios litúrgico-musicais no exercício do sacerdócio batistal da assembleia” (3^a parte).

⁴⁸ CARPANEDO, Penha. “A piedade popular: lugar teológico de sobrevivência do exercício do sacerdócio batistal”.

⁴⁹ CÉSAR, Danilo. “Devocionismo: inconsciência do sacerdócio batistal e convivência com o clericalismo”.



Porque a *modernidade líquida é ágil*, imediata, veloz, a *lógica do ser* foi substituída pela *lógica do consumo* (o que uma pessoa compra a define. Nas relações sociais compram-se pessoas, afetos, atenções). O indivíduo tornou-se um “empreendedor” de si mesmo. Sucesso e fracasso tornaram-se responsabilidade única e completamente individual (descomprometimento social – geração de marginalizados, culpados por seu estado de marginalização – declaração de óbito da responsabilidade social, comunitária).

Por causa disso o sujeito não se relaciona (contato – amores e amizades), ele entra em “conexão”: o que se quer é algo que possa ser acumulado numericamente, mas *com um nível de superficialidade suficiente para se desligar a qualquer momento*. O número de “conexões/seguidores/amigos” é ostensivo e determina a “celebridade” da pessoa. Nesse “ambiente” procura-se a todo o custo o que é prazeroso para o indivíduo, mesmo que para isso se “objetive” (transforme em objetos) pessoas e até mesmo “deuses”. Também na modernidade líquida “os ritos” ou são abandonados ou liquefeitos.

A fé no mundo líquido é curtida, vivenciada e professada num “espaço” altamente líquido que permite que o individualismo chegue ao seu ponto mais extremo: a criação de um “Deus personalizado” que se enquadra perfeitamente na medida do “meu modo” de crer e de ver o mundo: “o meu Deus sempre quer o que eu quero”. Um Deus “imaginário” (de minha imagem projetada em Deus). O “espaço” para a realização das “conexões” líquidas de todos os tipos, inclusive religioso é também ele líquido, passageiro, instável, efêmero, virtual, “imaginário”, não corpóreo (feito de imagens, não de “carne”), “sensacional” (de sensação não de sensorialidade).

Também o tempo é “transformado” na sociedade líquida o tempo perde a sua concretude (*kronos*) e a sua simbolicidade (*kairos*) roubando a alma do jogo (simbólico) entre noite e dia, luz e trevas, estações etc.

Já em abril de 1943, Saint-Exupéry tinha publicado o Pequeno Príncipe e colocou na boca da personagem principal a intrigante pergunta sobre o rito: “O que é um rito?” ao que a raposa respondeu: “É uma coisa também muito esquecida nos nossos tempos”.

Contemporaneamente à análise de Bauman surgia a profecia de Romano Guardini (1885-1968): para Guardini, um ano depois da promulgação da Sacrosanctum Concilium e no início do trabalho de revisão da liturgia, a recepção de todo o Concílio e da liturgia em modo particular dependia da questão da liturgia como *ato de culto*, recordando, todavia, que a grande reforma ritual se apresentaria insuficiente para resolver o problema do constrangimento do homem moderno diante dos ritos. A raiz da dificuldade estava na incapacidade de realizá-los e considerá-los constitutivo da experiência de fé.

Para Guardini o aspecto central era: o culto precisa necessariamente se tornar um ato, ser encenado, gerar sentido pela forma de seu desenvolvimento: a forma ritual. Restabelece-se a forma ritual quando se restitui a dinâmica do símbolo, mas sobretudo quando se sai da lógica do presente, das relações a partir da dinâmica do econômico e entra-se no processo do dom.

A lógica do rito (é) do dom não do presente

A lógica monetária é a lógica própria da modernidade líquida e das relações por ela desenvolvida. As suas características são forças não dinâmicas (*dinamis – virtus*) não virtuosas, mas virtuais.

O símbolo dessa lógica é o presente (substantivo). As suas principais características estão ligadas à *monetariedade* (pode ser comprados), à *obrigação retributiva* (implica troca), à *determinação temporal* (está ligado a um evento), à *necessidade social* (é deselegante não



presentear), à *utilidade* (corresponde a uma necessidade) e ao *gosto pessoal*, com a possibilidade de substituição (pode não agradar, pode-se “trocar”).

O dom, pelo contrário, brota da gratuidade e da liberdade do coração. O dom é da categoria da *essencialidade*, como aparece na oferta da viúva, segundo o evangelho (Mc 12, 41-44). Além disso, como também ensina Paulo, *não é fonte de alegria, mas tem na alegria a sua fonte*: “Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7). E, ainda, segundo lemos nos Atos: “há mais alegria em dar que em receber” (At 20, 35). O dom é precedido da alegria cristã, é *a-retributivo* (não anti-retributivo), é *a-temporal* (não está ligado a nenhuma ocorrência especial, é cotidiano, simples, sem ser anti-temporal), é *preferencialmente artesanal, manufaturável* (tem mais de investimento de tempo e espaço do que de dinheiro). Por fim, é “*inútil*”, no sentido de que não visa suprimir ou preencher nenhuma lacuna funcional. Dessa forma, é dado e acolhido sem explicações e, assim, se torna sacramental, isto é, sinal de uma presença ausente e de uma ausência presente. A única lógica de “presente” no rito é a “presencialização”.

Enquanto a lógica do presente corresponde à lógica do virtual pelo seu *imediatismo*, à lógica do dom, corresponde a lógica do rito da mediateza e da mediação. Não é atoa que as principais características do rito sejam repetitividade, canonicidade e circunscrição (lugar e tempo). O rito é mediado (repetitividade e canonicidade, pelo modelo da prática, por exemplo) e mediador (lugar e tempo). Ele é, segundo uma ideia de Bonaccorso, uma espécie de lente (óculos) por meio do qual se dá a visão e a mediação com o mistério, o “virtual” se apresenta como uma lente que me permite, no máximo, de ver a lente, mas não de contemplar o mistério visto pela lente. O rito salva (integra) pela solidez da encarnação, o virtual desenvolve a “sensação” da salvação, mas na verdade desagrega pela negação do corpo em detrimento da imagem simulada do corpo.

Duas características da liturgia que não podem ser simuladas: a dimensão comunitária eclesial e a mistagogia sacramental

A dimensão comunitária/eclesial

A SC nos números 26 e 27 sublinha esta “novidade” da espiritualidade cristã quando afirma que: as ações litúrgicas não são privadas, mas comunitárias. A afirmação de que a liturgia é eminentemente comunitária é ao mesmo tempo a negação de que ela seja ação privada e ao mesmo tempo “pública”.

Já desde a liturgia batismal que o neófito é pelo rito introduzido no “corpo” eclesial, na mística do Cristo/Igreja que exerce o seu sacerdócio na liturgia. Não só, a assembleia litúrgica exerce a função de “localizador” e “identificador” eclesial, isto é, faz com que o fiel batizado tenha a consciência de participar de uma Igreja que existe realmente num determinado lugar, numa determinada realidade, que usa uma determinada linguagem expressa nas formas rituais dos cânticos, gestos, símbolos etc.

Essa eclesialidade nos introduz na dimensão mística da Igreja que ao mesmo tempo é rebanho, família, corpo, povo etc, e nossa mãe, nova Eva, casa de Deus, Reino de Deus, Jerusalém celeste, Corpo Místico de Cristo, esposa de Cristo, porta do céu, morada de Deus entre os homens etc. A celebração litúrgica, portanto, que é sempre celebração do Mistério Pascal de Cristo, “não deve ser considerada principalmente como um meio para realizar um contato, *de qualquer modo*, com a pessoa de Cristo, especialmente com o objetivo de estabelecer um “colóquio” interior com ele; mas é considerada como ponto de inserção, que, ao mesmo tempo, é comunicação do mistério e razão da assimilação a Cristo justamente na



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

perspectiva do mistério comunicado”⁵⁰. Ela não é “pública” porque não é celebrada em “público”, sob o olhar de um “público”.

“Na liturgia se está sob o olho do Pai que te ama, sob o olhar do irmão que te reconhece e te guarda, que faz parte da tua família, que não te olha como um estranho: esta é a experiência comunitária que é capaz de celebrar Jesus Cristo e que o próprio Cristo deseja como celebração, na comunhão. Portanto, [a sagrada liturgia] não uma soma de ações privadas de relações pessoais com Deus, nem simplesmente um agir público, um ofício institucional, anônimo e impessoal, de culto divino”⁵¹.

A mistagogia sacramental

A mistagogia valoriza três elementos básicos: *os sinais litúrgicos - lex orandi* - (na liturgia os cinco sentidos estão todos empenhados: cores para os olhos, perfume para as narinas, sabores para o paladar, sons, palavras, música, silêncio para os ouvidos e toques sensíveis - água, óleo, sal, alianças, abraços, sinais da cruz etc. - para a pele); *a interpretação dos ritos à luz das Escrituras - lex credendi* -, na perspectiva da história da salvação, de modo que o rito se torna performativo, isto é o banho realmente lava, a unção realmente unge, o pão sacia etc. Neste sentido nenhum rito pode ou deve ser considerado de menor importância ou preterido a outro rito, todo ele é grávido do mistério. Por esse motivo na liturgia não se admitem enfeites ou inverdades: água que não molha, flores que não cheiram (flores de plástico ou de papel), vinho que não embriaga, velas que não se queimam etc.⁵². Por fim o terceiro elemento é a *abertura para o compromisso cristão eclesial - lex vivendi*.

Conclusão

A casa paterna da oração litúrgica é o rito que comunica e se comunica “simbolicamente”. Do ponto de vista formal, a oração litúrgica é realizada no contexto de uma ação simbólica-ritual. A categoria religiosa universal do símbolo move a humanidade por ser estruturalmente sensorial. As dificuldades de fazer com que a vida mergulhe numa verdadeira experiência do momento ritual de oração passa, fundamentalmente por uma falta de familiaridade com o “alfabeto” da “linguagem” simbólica da liturgia. Infelizmente na nossa cultura globalizada e “televisiva” a cultura cristã está profundamente marcada por uma estrada que tende a limitar o domínio da oração como uma atividade mental, mergulhada numa *simulação* de “comunidade [igreja/casas]” e enquadrada dentro das categorias das conexões desconectáveis. Nesse contexto, NENHUM sacerdócio, por pertencer à categoria da mediação, pode ser exercido.

a) No *refrão*, os fiéis congregados se auto convidam para cantar os louvores de Deus, pois ele “se fez **homem** e por nós **morreu**, e **ressuscitou** pelo amor dos seus”. Aqui reside a motivação fundamental para bem iniciar a celebração do memorial da Páscoa do Senhor, o núcleo do mistério de nossa fé, como expresso na profissão de fé:

⁵⁰ AUGÉ, Matias. *Liturgia, história, celebração, teologia, espiritualidade*, p. 350. Na liturgia, se deve levar em conta que nem tudo é oração (avisos, por exemplo, comentários, homilia etc), mas tudo é feito em um "espaço" que é a "Ecclesia Orans (a Igreja em Oração, a Igreja Orante)". No entanto, por vezes, há alguns cristãos que não conseguem ver a celebração litúrgica como espaço de oração verdadeira. Isso mostra que há uma diferença entre a "representação/ideia" que se tem de oração e da maneira em que se participa da ação litúrgica. Para que haja uma autêntica experiência de oração litúrgica que fuja ao individualismo sentimentalista, que é uma forma de egocentrismo, é necessário, em primeiro lugar, recuperar o sentido geral da oração cristã, e, por outro, conhecer e assumir as características que fazem que a oração seja "litúrgica", ou, em outras palavras, é preciso fazer um processo de iniciação para se entrar em sintonia com as leis estruturais da oração litúrgica.

⁵¹ GRILLO, Andrea - VALENZIANO, Crispino. *L'uomo della liturgia*. Assis: Cittadella, 2007, p. 13.

⁵² Imaginemos as inúmeras lamparinas elétricas agora em moda ou se não os tão comuns tubos de plástico cheios de querosene que crepitam nos altares europeus.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Creio em um só Senhor, **Jesus Cristo**, Filho Unigênito de Deus [...]. Para nossa salvação, desceu dos céus: e se **encarnou** pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi **crucificado** sob Pôncio Pilatos. Padeceu e foi **sepultado**. **Ressuscitou** ao terceiro dia, conforme as Escrituras. E **de novo há de vir**, em sua glória... (Símbolo Niceno-constantinopolitano).

Esta verdade da fé é testemunhada pelo Apóstolo Paulo: “De fato, eu vos transmiti, antes de tudo, o que eu mesmo recebi, a saber: que **Cristo morreu** pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi **sepultado** e, ao terceiro dia, foi **ressuscitado**, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4). Na celebração eucarística, essa verdade vem expressa em forma de **aclamação**: “Anunciamos, Senhor, a vossa **morte** e proclamamos a vossa **ressurreição**; **vinde**, Senhor Jesus”.

b) A *estrofe 1* se inicia apresentando a “**identidade**” dos que cantam os louvores de Deus: “Somos **nação santa, o povo eleito, um sacerdócio real**”. Esse sumário possui uma base escriturística que remonta ao Antigo Testamento, aqui, “atualizado” na Primeira Carta de Pedro:

Portanto, despojai-vos de toda maldade, de todo engano, hipocrisia e inveja, e de toda calúnia. Como criancinhas recém-nascidas, desejai o leite legítimo e puro, que vos fará crescer para a salvação, se é que “provastes que o Senhor é bom”. Aproximai-vos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e valiosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo. Com efeito, na Escritura se lê: “Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e valiosa; quem nela confiar, não será confundido”. Para vós, que credes, ela é valiosa! Mas para os que não creem, “a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” e “pedra de tropeço, pedra que faz cair”. Eles tropeçam por não crerem à Palavra; essa é a situação deles. Mas **vós sois a “geração escolhida, o sacerdócio régio, a nação santa, o povo que ele adquiriu, a fim de que proclameis os grandes feitos” daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa**. Vós sois aqueles que “antes não eram povo, agora, porém, são povo de Deus”; os que não tinham alcançado misericórdia, agora, porém, alcançaram misericórdia” (1Pd 2,1-10).

segunda parte da estrofe explicita a **índole batismal**: “Deus nos chamou das trevas à sua luz, sua luz imortal”. Uma vez enxertados em Cristo, essa “geração escolhida” deverá viver seu sacerdócio na constante vigilância evangélica, como “filhos da luz e filhos do dia” (1Ts 5,5).

c) A *estrofe 2* põe em relevo a vocação primordial do povo sacerdotal, profético e régio: o **Amor**.

Ouvistes que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem! Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz descer a chuva sobre justos e injustos. Se amais somente aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos o mesmo? E se saudais somente aos vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem os gentios o mesmo? Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5,42-47).

Em suma, “nem a palavra ‘amar’ nem o mandamento do amor são novos (cf. Lv



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

19,18...).

Novo é amar como Jesus, amar em Jesus, por causa de sua Palavra”⁶.

d) A *estrofe 3* arremata o que foi cantado nas estrofes anteriores. Num primeiro momento, vem apre-sentado o **testemunho** da experiência fecunda de permanência no amor de Cristo, vivida pelo Apóstolo Paulo: “Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,19b-20). Na sequência, vem expresso o **desejo** de atingir, em plenitude, o fim último desta experiência pascal: a contemplação da face de Cristo, na “glória sem fim”.



I - A IMPORTÂNCIA DO CANTO DA ASSEMBLEIA NO EXERCÍCIO DO SACERDÓCIO BATISMAL

(Apontamentos para a 34^a Semana de Liturgia – Itaici, 26-30/09/2022)

Joaquim Fonseca, ofm

a) Reunião em assembleia

Não existe liturgia sem a **convocação do povo da parte de Deus** (protagonismo de Deus – *Opus Dei*). O primeiro ato é reunir-se, constituir-se em assembleia, como resposta à convocação de Deus. Cabe a cada um(a) acolher, na fé, esse convite e permitir que a Trindade encontre espaço favorável para agir.

O ato de reunir-se, em si, já é um **sinal da presença do Ressuscitado**: “Quando dois ou três se reunirem em meu nome, lá estou eu no meio deles” (Mt 18,19-20). É próprio dos **ritos iniciais**, introduzir a assembleia na **presença do Senhor**.

Quem preside não ‘recebe’, mas entra na assembleia como parte dela, juntamente com os(as) demais ministros(as). Enquanto isso, entoa-se o canto de entrada⁵³. Acompanhando a procissão, o **canto de entrada / abertura** enfatiza o aspecto ministerial da Igreja, povo convocado (*eklesia*) que “entra” no altar, no coração de Deus⁵⁴. A finalidade do canto de entrada é “**abrir** a celebração; **promover** a união da assembleia; **introduzir** no mistério do tempo litúrgico ou festa”; **predispôr** a assembleia à atitude de “adoração” diante de Deus que renova a sua aliança, mediante o encontro com o Cristo ressuscitado (sentido do Domingo); **despertar nos fiéis a consciência da sua condição de povo sacerdotal profético e régio**, que oferece a si mesmo, não apenas pelas mãos de quem preside, mas juntamente com ele⁵⁵. Portanto, é um canto que enfatiza o mistério de Cristo e da Igreja, no **‘sacramento’ da assembleia reunida**. A base é o sacerdócio de todos os batizados e batizadas, no único sacerdócio de Cristo. Aqui reside a nossa **cidadania eclesial**, a nossa participação no sacerdócio de Cristo.

A **saudação** é confissão de fé na presença do Senhor (“Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”); Mas, quem pode estar na presença de Deus (cf. Sl 24)? Segue então a **confissão dos pecados**, com base na misericórdia de Deus. E nisto consiste a sua **glória, proclamada** no canto do “Glória”. A **“Oração do dia”** é síntese (arremate) dos elementos anteriores. Esta oração é precedida do convite “Oremos”, da parte de quem preside. Num expressivo silêncio, todos tomam “consciência de que estão na presença de Deus, formulando, interiormente, os seus pedidos”. Terminada a oração presidencial, todos se unem à súplica, **fazendo sua a oração, pela aclamação: Amém**⁵⁶.

b) Um povo sacerdotal

É significativo que essa “reunião” do povo sacerdotal se inicia com um canto. Dissemos acima, que o canto de entrada, dentre outras funções, desperta nos fiéis a **“consciência da sua condição de povo sacerdotal profético e régio”**. A título de exemplo, apresentamos o hino “Canta, meu povo”⁵⁷:

⁵³ Cf. IGMR, 47. Vale também o alerta de que a função desse canto não se reduza ao ato de ‘receber’ o padre (ou quem preside) e seus ministros... como em alguns lugares se costuma dizer.

⁵⁴ Não por acaso, no antigo missal, a antifona de entrada era: “*Entrarei até o altar de Deus. Até o Deus, que me alegra desde a minha juventude*” (Sl 43/43).

⁵⁵ Cf. IGMR 47, 95; SC 48.

⁵⁶ Cf. IGMR 95.

⁵⁷ Letra e Música: Geraldo Leite – *Hinário Litúrgico III – Ano A*, p. 279.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

**Canta, meu povo! Canta o louvor de teu Deus
que se fez homem e por nós morreu,
que ressuscitou pelo amor dos seus.**

1. Somos a nação santa e o povo eleito,
um sacerdócio real.
Deus nos chamou das trevas à sua luz,
sua luz imortal.

2. Nós somos transportados da morte à vida
pelo amor dos irmãos.
Nós amamos até nossos inimigos,
é a lei do cristão.

3. Senhor Jesus, já não sou mais eu que vivo,
tu vives em mim.
O meu desejo é um dia ver tua face,
na glória sem fim.

Este hino é indicado como canto de abertura para as celebrações da Eucaristia, da Palavra e do Ofício Divino (“Hino”), dos domingos do Tempo Comum. Seu texto, com referências bíblicas bem explícitas, constitui **uma solene afirmação do “sentido da reunião” em si e da “identidade” de quem o canta.**

a) No *refrão*, os fiéis congregados se auto convidam para cantar os louvores de Deus, pois ele “se fez **homem** e por nós **morreu**, e **ressuscitou** pelo amor dos seus”. Aqui reside a motivação fundamental para bem iniciar a celebração do memorial da Páscoa do Senhor, o núcleo do mistério de nossa fé, como expresso na profissão de fé:

Creio em um só Senhor, **Jesus Cristo**, Filho Unigênito de Deus [...]. Para nossa salvação, desceu dos céus: e se **encarnou** pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi **crucificado** sob Pôncio Pilatos. Padeceu e foi **sepultado**. **Ressuscitou** ao terceiro dia, conforme as Escrituras. E **de novo há de vir**, em sua glória... (Símbolo Niceno-constantinopolitano).

Esta verdade da fé é testemunhada pelo Apóstolo Paulo: “De fato, eu vos transmiti, antes de tudo, o que eu mesmo recebi, a saber: que **Cristo morreu** pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi **sepultado** e, ao terceiro dia, foi **ressuscitado**, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4). Na celebração eucarística, essa verdade vem expressa em forma de **aclamação**: “Anunciamos, Senhor, a vossa **morte** e proclamamos a vossa **ressurreição; vinde**, Senhor Jesus”.

b) A *estrofe 1* se inicia apresentando a “**identidade**” dos que cantam os louvores de Deus: “Somos a **nação santa, o povo eleito, um sacerdócio real**”. Esse sumário possui uma base escriturística que remonta ao Antigo Testamento, aqui, “atualizado” na Primeira Carta de Pedro:



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaiç, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Portanto, despojai-vos de toda maldade, de todo engano, hipocrisia e inveja, e de toda calúnia. Como criancinhas recém-nascidas, desejai o leite legítimo e puro, que vos fará crescer para a salvação, se é que “provastes que o Senhor é bom”. Aproximai-vos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e valiosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo. Com efeito, na Escritura se lê: “Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e valiosa; quem nela confiar, não será confundido”. Para vós, que credes, ela é valiosa! Mas para os que não creem, “a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” e “pedra de tropeço, pedra que faz cair”. Eles tropeçam por não serem à Palavra; essa é a situação deles. Mas **vós sois a “geração escolhida, o sacerdócio régio, a nação santa, o povo que ele adquiriu, a fim de que proclameis os grandes feitos” daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa.** Vós sois aqueles que “antes não eram povo, agora, porém, são povo de Deus”; os que não tinham alcançado misericórdia, agora, porém, alcançaram misericórdia” (1Pd 2,1-10).

A segunda parte da estrofe explicita a **índole batismal**: “Deus nos chamou das trevas à sua luz, sua luz imortal”. Uma vez enxertados em Cristo, essa “geração escolhida” deverá viver seu sacerdócio na constante vigilância evangélica, como “filhos da luz e filhos do dia” (1Ts 5,5).

c) A **estrofe 2** põe em relevo a vocação primordial do povo sacerdotal, profético e régio: o **Amor**.

Ouvistes que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem! Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz descer a chuva sobre justos e injustos. Se amais somente aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos o mesmo? E se saudais somente aos vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem os gentios o mesmo? Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5,42-47).

Em suma, “nem a palavra ‘amar’ nem o mandamento do amor são novos (cf. Lv 19,18...). Novo é amar como Jesus, amar em Jesus, por causa de sua Palavra”⁵⁸.

d) A **estrofe 3** arremata o que foi cantado nas estrofes anteriores. Num primeiro momento, vem apresentado o **testemunho** da experiência fecunda de permanência no amor de Cristo, vivida pelo Apóstolo Paulo: “Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,19b-20). Na sequência, vem expresso o **desejo** de atingir, em plenitude, o fim último de tal experiência pascal: a contemplação da face de Cristo, na “glória sem fim”.

II - CANTO E MÚSICA ENQUANTO RITO E SEU LUGAR NO EXERCÍCIO

⁵⁸ KONINGS, J. *Liturgia dominical*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 386.



DO SACERDÓCIO BATISMAL DA ASSEMBLEIA
(Apontamentos para a 34^a Semana de Liturgia – Itaici, 26-30/09/2022)

Joaquim Fonseca, ofm

1. Canto e música enquanto rito

Além de ocupar um amplo espaço e de se prestar a diversas utilidades na vida dos humanos, há um tipo de música que **possui caráter próprio e se reveste de densidade “sacramental”**, quando executada numa ação ritual. Essa “música ritual”, nas diversas tradições religiosas, possui vínculo estreito com o “mistério” celebrado.

Por música ritual, entendemos toda prática musical e instrumental que, na celebração, distingue-se das formas habituais, seja na palavra falada, seja nos sons ou barulhos ordinários. O domínio sonoro assim designado amplia o que, normalmente, define-se como “música” ou como “canto” em certos ambientes culturais⁵⁹.

Aldo Terrin, ao tecer considerações sobre a música ritual em civilizações antigas, como Mesopotâmia, Egito, Índia védica, China..., aponta a relação intrínseca entre música e rito, e ressalta, igualmente, o “poder” que essa música exerce sobre as pessoas, nestes termos:

não é mais uma música de acompanhamento, mas uma música que entra para “preformare” e “performare” o rito com objetivos *catárticos*, *apotropaicos*, *iniciáticos* e *entusiásticos*. Nesses casos, a música não é apenas parte integrante, mas parte constitutiva do rito, acompanhando-o quase que necessariamente, fazendo parte da sua essência. Nesse contexto, pode-se dizer que o rito desliza para o fato musical e quase que se confunde com ele⁶⁰.

Contudo, o mesmo autor nos previne de que não se trata de qualquer música, mas de uma autêntica “música ritual”. Esta, por sua vez, deve adequar-se ao todo simbólico do rito, funcionando como seu apoio e seu comentário. Em última análise, é o rito que, em virtude de sua própria natureza, deve apropriar-se de uma particular estrutura musical. Uma vez que o rito não comporta elementos estranhos à sua natureza, a música ali utilizada jamais deverá ser arbitrária ou autônoma⁶¹.

Nessa mesma esteira, se enquadra a **música ritual cristã** ou simplesmente **música litúrgica**. Esta, por sua vez, **expressa o mistério pascal de Cristo**, eixo axial da liturgia cristã. J. Gelineau recorda que a Igreja, desde seus primórdios, buscou solucionar questões relacionadas à admissão ou não desta ou daquela expressão da arte musical emergente, no seu culto. Ao longo da história, três princípios se tornaram basilares: a) a música não deve servir a dois senhores, ou seja, o mundo ou os demônios de um lado, e o Deus de santidade do outro (princípio moral); b) a música não deve recusar seu serviço ao verdadeiro Deus e nunca servir-se a si mesma — arte pela arte (princípio teológico); c) a música não deve desorientar os fiéis (princípio pastoral), ou seja, tornar-se um corpo estranho, no conjunto da ação litúrgica⁶².

⁵⁹ Cf. UNIVERSA LAUS, 1980, n. 1.4.

⁶⁰ TERRIN, A. N. *O Rito*; antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004, p. 298.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 311-312

⁶² Cf. GELINEAU, J. *Canto e música no culto cristão*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 54.



Buscando vincular exemplos da história da música ritual cristã a cada princípio acima, J. Gelineau destaca: a) a irredutibilidade da Igreja, nos sete primeiros séculos, quanto ao não uso de instrumentos musicais na liturgia. Estes eram tidos como símbolo do paganismo; b) o embate advindo do “mundo das belas artes” — do belo pelo belo —, desvinculado da “estética litúrgica”; c) algumas formas de polifonia que tornavam o texto litúrgico ininteligível, sobressaindo apenas o complexo jogo das vozes. Essa questão foi discutida, inclusive, no Concílio de Trento⁶³.

Em suma, **nada deve dificultar a participação dos fiéis no mistério celebrado**. Como bem nos ensina o Concílio Vaticano II, a ação litúrgica é ação de Cristo e de seu corpo, a Igreja, realizada mediante sinais sensíveis que significam e realizam a salvação (cf. SC n. 7). A música ritual, por sua vez, jamais poderá causar estranheza nos fiéis ou torná-los espectadores passivos ou indiferentes.

2. Participação da assembleia

a) O que é participar? “Participar” é tomar parte, sentir-se parte, aderir-se a algo, interagir-se, solidarizar-se com outra(s) pessoa(s) em momentos de alegria e de tristeza etc. No **âmbito litúrgico**⁶⁴, a ação, em si, de participar tem a ver com **atitudes externas e aptidões interiores**. Ambas são suscetíveis de *gradualidades* e de *modalidades* diferentes, todas voltadas e dirigidas para a *finalidade* ou meta da ação participativa: o **Mistério**.

b) Como se participa? Participa-se desse **mistério** celebrando, fazendo dele o **memorial**. Essa participação não se reduz a atitudes externas, mas deve despertar disposições e aptidões interiores dos participantes. A compreensão do sentido teológico-litúrgico e a disposição interior de mergulhar, por inteiro, em cada gesto ritual (Palavra, orações, cantos, gestos...), são imprescindíveis para que haja a **participação ativa** (*actuosa participatio*) de que nos fala a SC⁶⁵. Vale citar, aqui, as elucidativas palavras de Piero Marini:

Não é possível, portanto, ter uma bela liturgia se não houver participação ativa nos textos e nos ritos que se realizam. Além disso, é bom recordar que **a *actuosa participatio*, segundo a SC, inclui vários âmbitos de participação**. A participação deve ser: consciente (aspecto intelectual); ativa (aspecto corporal: todo o corpo deve ser envolvido segundo as modalidades do rito); piedosa (aspecto das emoções compartilhadas). As ações litúrgicas, de fato, jamais podemos cansar de repeti-lo, “não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é ‘sacramento de unidade’, isto é, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos. Por isso tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual” (SC 26)⁶⁶.

⁶³ Cf. Ibid., p. 54-61.

⁶⁴ Cf. TRIACCA, A. M. Participação. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de Liturgia*. S. Paulo: Paulus, 1992, p. 886-888.

⁶⁵ “É por isso que a Igreja se esforça empenhadamente para que os fiéis cristãos não assistam a este mistério como espectadores estranhos ou mudos, mas que, **compreendendo-o bem nos seus ritos e preces, participem consciente, ativa e piedosamente na ação sagrada**, sejam instruídos pela Palavra de Deus, se alimentem à mesa do Corpo do Senhor, deem graças a Deus; oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também em união com ele, aprendam a oferecer-se a si mesmos e, por Cristo mediador, dia a dia sejam consumados na unidade com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos” (SC 48).

⁶⁶ MARINI, P. *Presidir a celebração da Eucaristia: “ars celebrandi”*. Brasília: Ed. CNBB, 2018, p. 23-24. Grifos nossos.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

c) **Quem participa?** Os atores da celebração são a **assembleia e a Trindade**. Aqui, há uma interatividade entre o “agente visível” (a assembleia) e o “agente invisível” (a Trindade)⁶⁷. A ação do Espírito, que está em Cristo, em toda a Igreja e em cada membro da assembleia, é quem realiza a unidade da Igreja orante.

O mesmo Espírito “vem em socorro de nossa fraqueza” e “intercede em nosso favor com gemidos inefáveis” (Rm 8,26). Com o Espírito do Filho, ele infunde em nós “o espírito de adoção filial, no qual clamamos: *Abba, Pai*” (cf. Rm 8,15; Gl 4,6; 1Cor 12,3; Ef 5,18). Por conseguinte, não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unifica a Igreja inteira, levando-a pelo Filho ao Pai⁶⁸.

3. Aprendendo da piedade popular (no âmbito da música)

Nas “cantorias” do povo (reisados, congadas, romarias, sentinelas de defunto...), facilmente deparamos com performances musicais que refletem certa **diversidade ministerial**. Espontaneamente, surgem solistas que interagem com o grupo, seja cantando algum solo, seja entoando palavras e/ou frases que são repetidas pelo grupo ou por todos os presentes. **O mesmo se dá com os instrumentos musicais** que cumprem funções diversificadas como: acompanhar o canto, fazer interlúdios e ainda tocar sozinhos, como por exemplo, o toque dos tambores nas congadas. A participação de todos é, de alguma forma, garantida, a começar pela simples **repetição** de palavras e/ou frases como os tradicionais benditos dos romeiros do “Padim Cícero”, que se tornaram fonte de inspiração para Reginaldo Veloso e Geraldo Leite Bastos, na composição de “prefácios populares⁶⁹”:

Bendito do Padre Cícero (Juazeiro do Norte – CE)	Prefácio popular (R. Veloso)
<i>Um(a) solista entoa e todos repetem.</i>	<i>Um(a) solista entoa e todos repetem.</i>
<i>/:Eu vou cantar um bendito</i>	<i>/:É bom cantar um bendito,</i>
<i>Agora que me alembrou:/ /:A mãe de Padinho Ciço</i>	<i>Um canto novo, um louvor:/ /:Jesus, Filho de Maria,</i>
<i>Ela se chama Quinô!:/</i>	<i>Ele se se chama Senhor!:/</i>
<i>/:Ela se clama Quinô,</i>	<i>/:Ele se chama Senhor</i>
<i>Maria da Conceição;:/</i>	<i>Por sua Ressurreição;:/</i>

⁶⁷ Cf. BUYST, I. Um povo que celebra. In: BUYST, I.; SILVA, J. A. da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Valencia: Siquem, 2002, p. 91.

⁶⁸ IGLH, n. 8.

⁶⁹ VELOSO, R. Prefácios populares. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 74, 1986, p. 9-11.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

/:O filho dela se chama Padinho Ciço Romão!:/	/:Da morte é vencedor, Da vida é campeão.:/ /:Cordeiro sacrificado, É nossa nossa Páscoa, irmão!:/ Ele é do céu e da terra A reconciliação! As mãos se dão céu e terra, É uma só louvação! <i>Santo, Santo, Santo é o Senhor...</i>
--	---

As formas musicais mais antigas utilizadas pelos cristãos – herdadas da sinagoga judaica - são as **formas litânicas** (ladainhas) e a **responsorial**, respectivamente⁷⁰.

a) **A forma litânica é nitidamente binária**: de um lado, o recitativo livre do(a) solista proclamando as intenções, de outro lado, o estribilho repetido que constitui a resposta do povo (tipo **AB** ou antecedente – consequente). Essa resposta, via de regra, é breve e a melodia é acessível a todos. Exemplo: “Amém!”, “Tende piedade de nós!”, “Rogai por nós!”, “Ouvimos, Senhor!” etc. Na celebração eucarística, essa forma aparece em três momentos, a saber:

- Nos ritos iniciais: “Ato penitencial: Invocações a Cristo – Fórmula 3”;
- Na conclusão da liturgia da Palavra: “Oração universal”;
- Nos ritos da comunhão: “Cordeiro de Deus”.

b) Na **forma responsorial**, um(a) cantor(a) entoa um refrão repetido por todos, e acrescenta, entre cada repetição coletiva desse refrão, estrofes mais ou menos variadas (tipo **aA**, **bA**)⁷¹. J. Gelineau, depois de discorrer sobre as “variantes” dessa forma, ocorridas ao longo da história do canto cristão, afirma categoricamente: “A forma responsorial continua sendo, no culto cristão, a melhor e mais tradicional maneira de associar toda a assembleia ao canto dos salmos”⁷². A título de exemplo, uma versão popular de um “Responsório” do Ritual de Exéquias que tem por base um “Bendito” popular⁷³:

Responsório (R. Exéquias)	“Bendito”	Responsório – nova versão
V/. Santos de Deus, vinde em	1. Eu vi mi’a mãe numa	<i>Solo</i> : De Deus os santos, vinde

⁷⁰ Cf. GELINEAU, J. *Canto e música no culto cristão*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 119-127.

⁷¹ Um bom exemplo dessa estrutura são os salmos responsoriais das celebrações da Eucaristia e da Palavra.

⁷² *Ibid.*, p. 127. Dessa base (responsorial), advieram os responsos breves e longos, o tropário e o salmo gradual.

⁷³ FONSECA, J. *Música ritual de exéquias: uma proposta de enculturação*. B. Horizonte / S. Paulo: O Lutador / Apostolado Litúrgico, 2010, p. 269-272.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

<p>seu auxílio; Anjos do Senhor, correi ao seu encontro!</p> <p>R/. <i>Acolhei a sua alma levando-a à presença do Altíssimo.</i></p> <p>V/. Cristo te chamou. Ele te receba, e os anjos te acompanhem ao seio de Abraão.</p> <p>R/. <i>Acolhei a sua alma...</i></p> <p>V/. Dai-lhe, Senhor, o repouso eterno / e brilhe para ele a vossa luz.</p> <p>R/. <i>Acolhei a sua alma.</i></p>	<p>noite escura. / Eu sou Jesus Cristo que te traz a luz.</p> <p><i>Eu só peço a Deus de piedade que me traz o choro e também saudade.</i></p> <p>2. Ó meus irmão, vamo s'ajoelhá / para confessá que deste mundo / eu não quero nada</p> <p><i>Eu só peço a Deus...</i></p>	<p>em seu auxílio! Anjos do Senhor, vinde ao seu encontro!</p> <p><i>Todos: Acolhei o irmão (a irmã) na eternidade, onde não há choro, só felicidade!</i></p> <p><i>Solo: Ó meu irmão (Ó minha irmã), Cristo te chamou. Ele te receba e te acompanhem Anjos do Senhor.</i></p> <p><i>Todos: Acolhei o irmão...</i></p> <p><i>Solo: Descanso eterno dai-lhe, ó Senhor, / o repouso eterno e a luz sem fim, / o eterno esplendor!</i></p> <p><i>Todos: Acolhei o irmão...</i></p>
---	--	--



III – A IMPORTÂNCIA DOS MINISTÉRIOS LITÚRGICO-MUSICAIS NO
EXERCÍCIO DO SACERDÓCIO BATISMAL DA ASSEMBLEIA
(Apontamentos para a 34^a Semana de Liturgia – Itaici, 26-30/09/2022)

Joaquim Fonseca, ofm

1. Salmistas

O(a) salmista é, na verdade, um(a) **leitor(a) especializado(a) no canto/recitação dos salmos**⁷⁴. Desde o séc. IV, esse ministério se distingue do leitor ordinário. Sua função na liturgia continua sendo preciosíssima, em nossos dias. O que é cantado, **no ambão**, após a primeira leitura, é também Palavra de Deus⁷⁵; uma Palavra revestida de linguagem lírica e poética. Em geral, a forma musical utilizada é a **responsorial**⁷⁶, ou seja: o(a) salmista propõe um refrão que é, imediatamente, repetido por todos, e acrescenta, entre cada repetição coletiva desse refrão, versos ou estrofes do salmo previsto para aquela celebração.

Embora o ministério de salmista requeira habilidade técnico-vocal e sensibilidade de interpretação, sua “performance” jamais deverá confundir-se com a de um mero “profissional” do canto. Isto pelo fato de se tratar de um “serviço” litúrgico. O que está em jogo, aqui, é a **Palavra de Deus** que ressoa dos lábios do(a) salmista e que deve penetrar na mente e no coração dos ouvintes. A pessoa do(a) salmista, bem como a de qualquer leitor(a) **se converte em instrumento sonoro que reproduz a voz do Espírito**. Trata-se de uma pobreza totalmente evangélica, unida às formas mais essenciais e imperecíveis da arte da palavra bela, que se propõe revelar o **esplendor de um mistério** para sempre inaudito de ouvidos humanos⁷⁷. Portanto, no seu cantar não pode haver brecha para exibição de vaidades e personalismos. Este alerta vale sobretudo para celebrações exibidas na TV e outras mídias.

A título de exemplo, tomaremos o salmo responsorial do 27º Domingo do Tempo Comum - C (SI 94/95):⁷⁸

Ref.: Não fecheis o coração, / ouvi, hoje, a voz de Deus!

1.

Vinde, exultemos de alegria no Senhor,
aclamemos o Rochedo que nos salva!
Ao seu encontro caminhemos com louvores,
e com cantos de alegria o celebremos! R.

2.

Vinde adoremos e prostremo-nos por terra,
e ajoelhemos ante o Deus que nos criou!
Porque ele é o nosso Deus, nosso Pastor,
e nós somos o seu povo e seu rebanho. R.

3.

Não fecheis os corações como em Meriba,
como em Massa, no deserto, aquele dia,
em que outrora vossos pais me provocaram,

⁷⁴ Cf. GELINEAU, J. *Canto e música no culto cristão*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 97s.

⁷⁵ Cf. IGMR, n. 61; ELM, n. 19-22.

⁷⁶ A IGMR fala também de “modo contínuo”, isto é, sem refrão (n. 61). O ELM chama essa modalidade de *forma direta*, nestes termos: “Na forma direta, o salmo é cantado sem que a assembleia intercale a resposta, e o cantam, ou o salmista ou o cantor do salmo sozinho, e a assembleia escuta, ou então o salmista e os fiéis juntos” (n. 20).

⁷⁷ Cf. GELINEAU, J. *op. cit.*, p. 100.

⁷⁸ Ver melodia em: *Hinário Litúrgico III*; Domingos do Tempo Comum – Ano C, p. 191.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

apesar de terem visto as minhas obras. R.

2. Cantores e instrumentistas

A questão da admissão e utilização de instrumentos musicais, na história do culto cristão, é bastante controversa⁷⁹. Nos sete primeiros séculos, praticamente não se usavam instrumentos musicais na liturgia. Na literatura patrística, por exemplo, encontramos total rejeição ao seu uso. Os instrumentos eram vistos pelos Padres como símbolo da vida pagã, estigmatizada pela idolatria e pela imoralidade. Inclusive a “renúncia ao diabo e a todas as suas obras”, que os catecúmenos deviam fazer na fonte batismal, incluía também a renúncia aos “espetáculos e cantos” dos pagãos⁸⁰.

Mesmo desaprovando o uso de instrumentos musicais na liturgia, os santos Padres nos legaram uma expressiva e edificante literatura (alegórica) sobre os instrumentos musicais. No interior dessas alegorias, escondem-se aspectos espirituais e doutrinários. O alvo direto dessa literatura é o mundo pagão e suas ameaças à integridade da fé⁸¹.

Os santos Padres são unânimes em afirmar que **a voz humana é o instrumento mais perfeito para o louvor a Deus**, e se esforçam em convencer os fiéis — na sua maioria neoconvertidos do mundo pagão — que o *canto puro* é superior ao som de qualquer instrumento musical, feito por mãos humanas. “O povo de Deus, reunido no templo para o canto de hinos e salmos, é agora a cítara espiritual que substitui e supera os instrumentos usados pelo povo judeu”. Eusébio de Cesareia chega a dizer que “superior a qualquer saltério material é a multidão que, estendida por toda a orbe, celebra ao Deus que está sobre todas as coisas, com um mesmo canto e com uma mesma harmonia”. Para Eusébio, o cantar é superior ao salmodiar. Este último ainda carece de *ações corporais* (do uso de instrumentos como o saltério), enquanto o cantar é *mais nobre e mais espiritual* — desprovido de suporte instrumental —, mais em consonância com a contemplação e a teologia.

Vale lembrar que, mesmo depois da introdução gradativa de instrumentos musicais no culto, persistia certa ambiguidade a respeito do que era e do que não era lícito se fazer em matéria de música. Aliás, esse dilema se arrastou por todo o segundo milênio. Ainda no início do século XX, Pio X, em seu *Motu Proprio Tra le Sollecitudini* (1903), admite o órgão na Igreja; tolera alguns instrumentos de sopro; proíbe o piano, o tambor, o bombo, pratos, campainhas e semelhantes⁸². Pio XII, na encíclica *Musicae Sacrae Disciplina* (1956), elogia o uso do órgão e admite o uso de violinos e outros instrumentos de arco, todavia continua reticente quanto ao uso de instrumentos tidos como “rumorosos” e “barulhentos” que são “destoantes do rito sagrado e da gravidade do lugar”⁸³.

Todas as pendências sobre o uso dos instrumentos musicais na liturgia parecem ter chegado a termo com a reforma do Concílio Vaticano II. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (1963), além de classificar o “órgão de tubos” como o instrumento mais apropriado para a liturgia, admite que outros instrumentos possam ser igualmente usados, desde que haja o “consentimento da autoridade competente” e, dependendo da região, que estes sejam adaptados às circunstâncias e aos costumes do lugar⁸⁴.

A Instrução *Musicam Sacram* (1967), além de reconhecer a utilidade e a importância dos instrumentos musicais na liturgia, apresenta-nos também suas principais funções: sustentar o canto, facilitar a participação e criar a unidade da assembleia. Adverte-nos que o

⁷⁹ O texto-base deste item: FONSECA, J. *Quem canta? O que cantar na liturgia?* 7.ed. S. Paulo: Paulus, 2019, p. 25-29.

⁸⁰ Cf. BASURKO, X. *O canto cristão na tradição primitiva*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 127-128.

⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 113-116.

⁸² Cf. TLS, n. 14s.

⁸³ Cf. MSD, n. 28-29.

⁸⁴ Cf. SC, n. 120.



som dos instrumentos jamais deverá cobrir as vozes, de sorte que dificulte a compreensão dos textos⁸⁵.

Infelizmente, ainda em nossos dias, não raro, surgem vozes dissonantes quanto ao uso de instrumentos musicais nas celebrações litúrgicas, sobretudo os de **percussão**. Isso denota um misto de **preconceito e de resistência à inculturação** da música litúrgica. Uma vez que o Brasil é um país fortemente marcado pela cultura afro-ameríndia e sua música expressa a beleza dessas culturas (suas danças, ritmos e instrumentos diversos), a música litúrgica não pode prescindir disso.

Quanto à música puramente vocal, pouco se sabe como esta era executada nos três primeiros séculos da era cristã. Quanto aos corais, seu surgimento remonta ao século IV. Eram formados de homens, sobretudo de monges que, inicialmente, ficavam agrupados nas primeiras filas da assembleia. Não se trata, ainda, de cantores especializados, mas de pessoas que auxiliavam o canto da comunidade, executando aquelas partes mais difíceis de entoação dos salmos, hinos, aclamações, ladainhas e respostas.

No intuito de difundir o canto gregoriano em toda a Europa, aparecem, por volta do século VII, as chamadas *Scholae Cantorum*, que, na realidade, eram coros de meninos e de clérigos altamente especializados. Isto se fez necessário porque o canto se tornara mais rebuscado e de difícil execução. Conseqüentemente, os corais passaram a monopolizar o canto litúrgico, enquanto o povo se contentava na condição de ouvinte da “divina música”.

Essa situação se agravou ainda mais com o surgimento da polifonia vocal clássica, no início do segundo milênio. A partir de então, gradativamente, a música da Igreja latina foi se confundindo com a música de concerto, atingindo seu ápice nos séculos XVIII e XIX. A separação entre coral e assembleia se deu de tal forma que nas igrejas não podia faltar o **“coro” — lugar elevado normalmente por cima do hall de entrada do templo, reservado aos músicos**.

A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II não aboliu o coral, apenas estabeleceu critérios claros quanto ao seu ministério na assembleia litúrgica. Um coral, bem formado e orientado, poderá prestar um importante serviço à assembleia, exercendo um ministério múltiplo, seja reforçando o canto litúrgico da assembleia, em uníssono, ou enriquecendo as melodias executando arranjos a mais vozes.

É sempre oportuno lembrar que alguns cantos, em princípio, nunca deveriam ser executados somente pelo coral, como o “Glória” e o “Santo”. Pelo fato de esses hinos pertencerem à comunidade toda, eventuais arranjos a vozes para coro nunca deveriam impedir, mas antes, favorecer e reforçar a participação do povo. E **quanto aos cantores e instrumentistas, seu melhor lugar é próximo aos demais fiéis**, uma vez que seu ministério é exercido em função da participação da assembleia no mistério celebrado.

Quanto à **atitude espiritual** (performance ritual) dos cantores e instrumentistas, vale o que foi dito acima para os salmistas. O “serviço” litúrgico não comporta vaidade, personalismos, exibicionismos...

3. Buscando uma sadia integração entre instrumentos musicais e o canto dos fiéis

a) Uma vez que o **texto** (bíblico-litúrgico) **tem a primazia** e, sobretudo, quando este se converte em “gesto simbólico-sacramental”, os instrumentos musicais jamais deverão ofuscá-lo⁸⁶. A dosagem equilibrada da instrumentação e do volume do(s) instrumento(s) poderá facilitar a participação dos fiéis no mistério celebrado.

⁸⁵ Cf. MS, n. 62-65.

⁸⁶ Cf. SC, n. 121; MS, n. 62-64.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

- b) **Cada forma musical requer uma instrumentação e dosagem de volume adequadas.** A forma litânica, por exemplo, exige um manejo instrumental diferente da forma hínica e assim por diante. Tal dosagem também garante a **beleza estética**, graças à dinâmica contrastante que disso se resulta.
- c) **Qualquer instrumento é bem-vindo na ação litúrgica.** O importante é utilizá-lo sabiamente. Vale citar, aqui, o dito popular: “O problema pode não estar no instrumento em si, mas no(a) instrumentista”.
- d) **Outros equipamentos** (microfones, amplificadores eletrônicos...), quando bem utilizados, são de grande valia para o bom desempenho dos diversos ministérios e a consequente participação ativa dos demais fiéis, na ação litúrgica.



VIVÊNCIA

ASSINALAÇÃO DA FRONTE E DOS SENTIDOS NA ENTRADA NO CATECUMENATO*

Ambiente: estetoscópio [ou imagem de uma de uma parêntese de animais usando um jugo]; cadeiras próximas, dispostas em círculo; imagens da criação; imagens de ações da Igreja (pastorais ligadas à formação [por exemplo, catequese], à liturgia, à transformação social, a grupos específicos de pessoas [por exemplo, adolescentes];

à parte: *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* ou *Celebrações da iniciação à vida cristã*;

à parte, opcional: crucifixos ou cruzinhas para pescoço.

1) Despertar do ser

Participantes em pé de maneira consciente, com decoro e solenidade.

Respiração consciente; conexão com o momento presente (pessoal, social, eclesial).

Exercícios suaves de alongamento.

Sentam-se sem perder o foco no momento presente.

2) Sensibilização

a) *Destaque do corpo:*

- Tocar os próprios ouvidos, olhos, boca, com atenção e calma.

- Sentir a própria pulsação, o próprio coração, movimento que não cessa. Havendo um estetoscópio, pode ser usado livremente.

- Massagear(-se) o pescoço e ombros, aliviar a tensão.

b) *Improvisação:*

- Brincar de “telefone sem fio”: iniciar com palavras, prosseguir com frases curtas não-religiosas, encerra com a frase “O Senhor ressuscitou!”.

- Descrever o que aparece nas imagens da criação e das ações da Igreja.

- Em duplas e com cuidado, uma pessoa aplique a força de seus ombros contra as palmas das mãos de outra.

3) Aprofundamento¹ do rito a partir da:

a) *Vida:* cf. *Sensibilização* acima. Relacionar olhos e ouvidos com o acesso ao mundo exterior, incluindo as pessoas e suas vidas; relacionar a boca com o acesso que as pessoas têm ao nosso mundo interior, especialmente pela palavra; assumir o coração no peito como imagem da pessoa inteira, expressão de sua vida, emoções, sentimentos, paixões, causas em que acredita e defende; relacionar os ombros e braços com a força para agir, para suportar, para dar suporte, para aliviar dos fardos, para consolar.

b) *Bíblia:* Ez 9,4 [tau]; Mt 11,28-30 [jugo]; Ap 7,2-4 [sinal de Deus]

c) *Liturgia:* Estabelecer paralelos (semelhanças e diferenças) entre a assinalação da frente e dos sentidos na entrada do catecumenato e outras assinalações e referências ao sentidos em outros ritos litúrgicos:

- unções (de catecúmenos, pós-batistmal, crisma, ordenações, enfermos);

- Éfata.

Breve estudo do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, n. 6-7.14-17[20].42.50.68-72.

4) Vivência do rito (cf. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, n. 83.85-87)

- Preparar espaços (“fora” e “dentro” da igreja”) e material necessário

- Distribuir ministérios: presidente, introdutores, catequistas, acólitos. Também: candidatos,

* Roteiro elaborado por Marlon Ramos Lopes.

¹ *Aprofundamento* significa aqui a retomada consciente e detalhada dos gestos, posturas, emoções, sentido e entendimento vividos pelas pessoas que atuaram e assistiram às improvisações, bem como a imaginação ou nova atuação de cenas trazidas à memória pela citação de fatos da vida cotidiana, das religiões não-cristãs, da piedade popular, da Bíblia e de outros momentos rituais (litúrgicos), em vista de uma *performance* ritual na qual estejam em harmonia sinal sensível (corpo), significado teológico (mente) e atitude interior (coração).



34.ª SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

familiares e fiéis habituais da comunidade.

- Ensaiar a aclamação ao Cristo (cf. 86).

- **Combinar o recorte:** todos “fora da igreja”, monição de quem preside, aproximação do(s) candidato(s) e introdutor(es), assinalação na frente, afastamento do(s) candidato(s) e introdutor(es), palavra de quem preside acompanhada do gesto de assinalação dos introdutores nos ouvidos, olhos boca e peito dos candidatos, sinal-da-cruz geral, aclamação a Cristo, oração presidencial, entrega de crucifixos ou cruzeiros (se houver), convite a “entrar na igreja”.

- **Vivenciar o recorte do rito**, levando em conta os gestos, posturas, significados, sentimentos, emoções, atitudes interiores que o *Aprofundamento* despertou, isto é, sintonizar corpo (gesto corporal, rosto, sinal sensível), mente (sentido teológico-litúrgico) e coração (atitude espiritual), sem forçar. **Fazer “como se fosse” de verdade**, isto é, sem interrupções ou comentários/desculpas, com alegre seriedade.

- Se for conveniente, repetir a vivência do recorte, em vista da harmonia corpo-mente-coração, por exemplo, **avaliando** o modo de pronunciar as orações, o olhar, a postura, as mãos, etc.

5) Decantação

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos (ou símbolo)?

- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, auxiliar, assembleia?

Repassar os três polos:

corpo – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção)

mente – o que pensei? (compreensão, recordação)

coração – o que senti? (atitude espiritual, interior)

Para aprofundar:

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Celebrações da iniciação à vida cristã:** adultos, jovens e crianças. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 35-42.

ORMONDE, Domingos. A celebração de entrada no catecumenato. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 170, p. 27-28, 2002.

RITUAL ROMANO, renovado por decreto do Concílio Vaticano Segundo e promulgado por autoridade do papa Paulo VI. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Da introdução do RICA:

6. Nesse itinerário, além do tempo da informação e amadurecimento (cf. n. 7), há “etapas” ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.

a) Verifica-se a primeira etapa quando, aproximando-se de uma conversão inicial, quer tornar-se cristão e é recebido como catecúmeno pela Igreja.

b) A segunda quando, já introduzido na fé e estando a terminar o catecumenato, é admitido a uma preparação mais intensiva para os sacramentos.

c) A terceira quando, concluída a preparação espiritual, recebe os sacramentos de iniciação cristã.

Há, portanto, três etapas, passos ou portas que devem ser considerados momentos fortes ou mais densos da iniciação. Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito de instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos.

7. As etapas conduzem aos “tempos” de informação e amadurecimento ou são por elas preparadas:

a) O primeiro tempo, que requer a informação da parte do candidato e da parte da Igreja, é consagrado à evangelização e ao “pré-catecumenato”, encerrando-se com o ingresso na ordem dos catecúmenos.

b) O segundo tempo, que se inicia por esse ingresso e pode durar vários anos, é dedicado à catequese e aos ritos anexos, terminando no dia da eleição.

c) O terceiro tempo, muito breve, que normalmente coincide com a preparação quaresmal para as solenidades pascais e os sacramentos, é assinalado pela purificação e iluminação.

d) O último tempo, que dura todo o período pascal, é consagrado à “mistagogia”, isto é, à aquisição de experiências e de resultados positivos, assim como ao aprofundamento das relações com a comunidade dos fiéis.

São, portanto, quatro os tempos sucessivos: o do “pré-catecumenato”, caracterizado pela primeira evangelização; o do “catecumenato”, destinado à catequese completa; o da “purificação e iluminação”, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da “mistagogia”, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade.

14. É de suma importância o rito de “instituição dos catecúmenos”, porque os candidatos, reunindo-se publicamente pela primeira vez, manifestam suas intenções à Igreja enquanto esta, no exercício de seu múnus apostólico, acolhe os que pretendem tornar-se seus membros. Quando, por essa celebração, expõem abertamente seu desejo e a Igreja declara sua admissão e consagração inicial, Deus lhes prodigaliza sua graça.

15. Para esse primeiro passo, requer-se que os candidatos já possuam os rudimentos da vida espiritual e os fundamentos da doutrina cristã, a saber: a fé inicial adquirida no tempo do “pré-catecumenato”, o princípio de conversão e o desejo de mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus em Cristo; já tenham, portanto, certa ideia da conversão, o costume de rezar e invocar a Deus, e alguma experiência da comunidade e do espírito dos cristãos.

16. Cabe aos pastores, auxiliados pelos introdutores (cf. n. 42), catequistas e diáconos, julgar dos sinais externos dessas disposições. É também dever dos pastores, considerando o valor dos sacramentos já recebidos validamente (cf. Introdução Geral, n. 4), tomar precauções para impedir que uma pessoa já batizada queira receber de novo o Batismo.

17. Depois da celebração do Rito, sejam oportunamente anotados em livro próprio os nomes dos catecúmenos, com a indicação do ministro, dos introdutores e dia e lugar da admissão.

18. Desde então os catecúmenos, cercados pelo amor e a proteção da Mãe Igreja como pertencendo aos seus e unidos a ela, já fazem parte da família de Cristo: são alimentados pela Igreja com a Palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos. Tenham a peito, portanto, participar da liturgia da Palavra e receber as bênçãos e os sacramentais. Quando se casam, se o noivo e a noiva forem catecúmenos, ou apenas um deles e a outra parte não foi batizada, será usado o rito próprio (cf. Introdução Geral, n. 10, 2). Se falecerem durante o catecumenato, realizam-se exéquias cristãs.

19. O catecumenato é um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Desse modo, adquirem madureza as disposições que manifestaram pelo ingresso. Chega-se a esse resultado por quatro meios:

1) A catequese, ministrada pelos sacerdotes, diáconos ou catequistas e outros leigos, distribuída por etapas e integralmente transmitida, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da



34.^a SEMANA DE LITURGIA

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

Mosteiro de Itaiçi, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos, como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar.

2) Familiarizados com a prática da vida cristã, ajudados pelo exemplo e pelas contribuições dos introdutores e dos padrinhos e mesmo de toda a comunidade dos fiéis, acostumam-se a orar mais facilmente, dar testemunho da fé, guardar em tudo a esperança de Cristo, seguir na vida as inspirações de Deus e praticar a caridade para com o próximo, até a renúncia de si mesmos. Assim formados, “os recém-convertidos iniciam o itinerário espiritual pelo qual, já comungando pela fé no mistério da morte e da ressurreição, passam do velho homem para o novo, que tem sua perfeição em Cristo. Esta passagem, que acarreta uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes, com suas consequências sociais, deve manifestar-se e desenvolver-se pouco a pouco durante o tempo do catecumenato. Sendo o Senhor, em quem cremos, um sinal de contradição, não é raro que o convertido faça a experiência de rupturas e separações, mas também das alegrias que Deus concede sem medida”.

3) Ajudados em sua caminhada pela Mãe Igreja, através dos ritos litúrgicos apropriados, já são por eles gradativamente purificados e protegidos pela bênção divina. Promovem-se para eles celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à liturgia da Palavra junto com os fiéis, a fim de se prepararem melhor para a futura participação na Eucaristia. Habitualmente, porém, quando comparecerem à reunião dos fiéis, devem ser delicadamente despedidos antes do início da celebração eucarística, se isso não acarretar grandes dificuldades, pois precisam esperar o Batismo, pelo qual serão agregados ao povo sacerdotal e delegados para o novo culto de Cristo.

4) Sendo apostólica a vida da Igreja, aprendam também os catecúmenos, pelo testemunho da vida e pela profissão da fé, a cooperar ativamente para a evangelização e edificação da Igreja.

20. A duração do tempo do catecumenato não só depende da graça de Deus como das diversas circunstâncias, isto é, do plano do próprio catecumenato, do número dos catequistas, diáconos e sacerdotes, da colaboração de cada catecúmeno, das possibilidades de frequentarem a sede do catecumenato e da ajuda da comunidade local. Nada, portanto, pode ser estabelecido “*a priori*”. Compete ao Bispo determinar o tempo e a disciplina do catecumenato. Convém ainda que as Conferências dos Bispos, considerando as condições dos povos e regiões, estabeleçam a esse respeito normas mais precisas.

42. O candidato que solicita sua admissão entre os catecúmenos é acompanhado por um introdutor, homem ou mulher, que o conhece, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejo. Pode acontecer que esse introdutor não exerça as funções de padrinho nos tempos da purificação, da iluminação e da mistagogia; nesse caso, será substituído por outro.

50. Quanto ao tempo da celebração do rito de instituição dos catecúmenos, observe-se o seguinte:

1) Não seja prematuro: espere-se o tempo necessário para que os candidatos, conforme sua situação e disposições, manifestem a fé inicial e os primeiros sinais de conversão (cf. n. 20).

2) Onde costuma ser maior o número dos candidatos, espere-se até ser formado um grupo suficiente para a catequese e os ritos litúrgicos.

3) Sejam fixados durante o ano dois ou, se for necessário, três dias ou tempos mais oportunos para a realização habitual do rito.

68. Celebra-se o rito de admissão entre os catecúmenos quando as pessoas que desejam tornar-se cristãs, tendo acolhido o primeiro anúncio do Deus vivo, já possuem a fé inicial no Cristo Salvador. Por conseguinte, pressupõe-se que esteja terminada a primeira “evangelização”, haja um início de conversão, de fé e de senso eclesial, relações precedentes com o sacerdote ou alguns membros da comunidade e preparação para esse rito litúrgico.

69. Antes da admissão dos candidatos ao catecumenato, a qual se realiza durante o ano em dias determinados, segundo as condições locais, espere-se o tempo conveniente e necessário nos diferentes casos para investigar os motivos da conversão e, se necessário, purificá-los.

70. É de desejar que toda a comunidade cristã ou parte dela, constante dos amigos e familiares, catequistas e sacerdotes, participe ativamente da celebração.

71. Devem comparecer ainda os “introdutores”, que apresentarão à Igreja os candidatos trazidos por eles.

72. O rito que consta da recepção dos candidatos, da liturgia da Palavra e da despedida deles, pode ser seguido da Eucaristia.



34.^a SEMANA DE LITURGIA
O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO
Mosteiro de Itaici, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

Assinalação da frente e dos sentidos na entrada no catecumenato – cf. RICA

- Reunião fora da igreja
- Canto
- Saudação e exortação
- Diálogo sobre o nome e a intenção do candidato
- Primeira adesão e pedido de ajuda dos introdutores e dos presentes
- Oração de agradecimento pelo chamado
- Assinalação da frente e dos sentidos
- Aclamação da assembleia
- Oração conclusiva
- Ingresso na igreja

Assinalação da frente e dos sentidos

83. Quem preside convida os candidatos (se forem poucos) e seus introdutores, com estas palavras ou outras semelhantes:

N. e N., Cristo chamou a vocês para serem seus amigos; lembrem-se sempre dele e sejam fiéis em segui-lo!

Para isso, vou marcar vocês com o sinal da cruz de Cristo, que é o sinal dos cristãos.

Este sinal vai daqui em diante fazer que vocês se lembrem de Cristo e de seu amor por vocês.

Os candidatos com os introdutores se aproximam sucessivamente de quem preside, que faz com o polegar o sinal-da-cruz na frente de cada um, dizendo:

N., recebe na frente o sinal-da-cruz: o próprio Cristo te protege com o sinal de seu amor (ou: de sua vitória). Aprende a conhecê-lo e segui-lo.

Depois da assinalação dos catecúmenos por quem preside, os catequistas ou os introdutores, se for oportuno, fazem o mesmo, exceto se devem assinalar depois, conforme o n. 85.

85. Proceda-se à assinalação dos sentidos (a juízo, porém, de quem preside, pode ser omitida em parte ou inteiramente).

As assinalações são feitas pelos catequistas ou pelos introdutores (em circunstâncias especiais, podem ser feitas por vários presbíteros ou diáconos).

A fórmula é sempre dita por quem preside.

Ao assinalar os ouvidos:

Recebam nos ouvidos o sinal-da-cruz, para que vocês ouçam a voz do Senhor.

Ao assinalar os olhos:

Recebam nos olhos o sinal-da-cruz, para que vocês vejam a glória de Deus.

Ao assinalar a boca:

Recebam na boca o sinal-da-cruz, para que vocês respondam à palavra de Deus.

Ao assinalar o peito:

Recebam no peito o sinal-da-cruz,

para que Cristo habite pela fé em seus corações.

Ao assinalar os ombros:

Recebam nos ombros o sinal-da-cruz, para que vocês carreguem o jugo suave de Cristo.

Quem preside, sem tocar nos catecúmenos, faz o sinal-da-cruz sobre todos ao mesmo tempo, dizendo:

Eu marco vocês com o sinal-da-cruz: em nome

do Pai e do Filho ✠ e do Espírito Santo, para que vocês tenham a vida eterna.

Os candidatos:

Amém.

86. Pode-se cantar esta aclamação de louvor a Cristo:

Glória a ti, Senhor, toda graça e louvor.

87. Quem preside diz:

Oremos.

Deus todo-poderoso, que pela cruz e ressurreição de vosso Filho destes a vida ao vosso povo, concedei que estes vossos servos e servas, marcados com o sinal-da-cruz, seguindo os passos de Cristo, conservem em sua vida a graça da vitória da cruz e a manifestem por palavras e gestos. Por Cristo, nosso Senhor.

R/. Amém.

Ritos auxiliares

89. Podem-se dar crucifixos ou uma cruzinha para pôr no pescoço, em recordação da assinalação.

Se alguns costumes parecerem apropriados para expressar o ingresso na comunidade, podem ser inseridos antes ou depois da entrada na igreja.

Ingresso na igreja

90. Se o rito de acolhida tiver sido feito à porta da igreja ou outro local, quem preside, com um gesto, convida os catecúmenos a entrar com os introdutores na igreja, dizendo estas palavras ou outras semelhantes:

(**N. e N.**) entrem na igreja, para participar conosco na mesa da Palavra de Deus.

Enquanto isso, canta-se um canto apropriado.

VIVÊNCIA BÊNÇÃO DA MESA DOMÉSTICA*

Ambiente: cadeiras ao redor de uma mesa com toalha, alguns alimentos e bebida, copos, pratos, guardanapos, talheres, como para a refeição;
à parte, *Ritual de Bênçãos*.

1) Despertar do ser

Participantes sentados, colocam-se em pé de maneira consciente, com decoro e solenidade.
Respiração consciente; conexão com o momento presente (pessoal, social, eclesial).
Sentam-se novamente ao redor da mesa, com o corpo ereto, com decoro e solenidade.

2) Sensibilização

- a) Destaque do corpo:** Sentados ao redor da mesa, destacar:
- As próprias mãos: Que histórias contam? Que marcas trazem? Que trabalhos fazem?
 - Tomando nas mãos (ou aproximando-se de) algum dos alimentos/bebida, apreciá-lo por suas cores e formas, seu aroma, seu tempo de preparo, sua história enquanto “fruto da terra e do trabalho humano”.
 - Passar o alimento/bebida para outra pessoa, para que ela também possa apreciá-lo. Atenção ao gesto “complexo” de entregar e receber um alimento/bebida.
 - Atenção às sensações, aos sentimentos, aos gestos, às recordações que surgem.
- b) Improvisação:** - Uma pessoa por vez pode realizar uma ação silenciosa com algum(ns) dos objetos presentes (cadeira, mesa, alimentos e bebida, outros objetos sobre a mesa).

3) Aprofundamento¹ do rito a partir da:

- a) Vida:** cf. *Sensibilização* acima. Que memórias, sentimentos, sensações foram evocadas pelos gestos e posturas que realizamos e vimos realizar? O que a presença de alimentos e bebida nos recorda ou faz sentir ou faz pensar? Quais vontades nos desperta?
Como são as refeições em nossas casas (não nas de quem não está presente!)? Qual “ritualidade” está envolvida? Quais “ministérios” estão presentes? Quais são as refeições efetivamente preparadas/consumidas em casa e/ou em família?
- b) Bíblia:** Algumas passagens sobre alimentos e bênção:
Gênesis 1,29; Salmo 24,1; Salmo 111,5; Salmo 147,9; Atos 27,33-37; 1Coríntios 10,31
instituição da Eucaristia: Marcos 14,22-25; 1Coríntios 11,23-25
- c) Liturgia:** Quais bênçãos já celebramos conforme o livro litúrgico “Ritual de Bênçãos”? Como foi essa experiência?
Breve **estudo** da “Bênção da mesa” (cf. Ritual de Bênçãos n. 1-39 e 782-827).
- a)** Deus é fonte e origem de toda bênção: as coisas que abençoamos são, elas mesmas, a bênção que desce de Deus para nós;
 - b)** As bênçãos que Deus nos dá levam-nos a bendizê-lo;
 - c)** “as bênçãos, como atos de bendizer, referem-se em primeiro lugar e principalmente a Deus, cuja grandeza e bondade exaltam; mas porque comunicam benefícios divinos, elas visam aos homens, que Deus governa e protege com providência; finalmente, as bênçãos se dirigem também às coisas criadas, com que Deus abençoa os homens de modo abundante e variado.” (n. 7);

¹ *Aprofundamento* significa aqui a retomada consciente e detalhada dos gestos, posturas, emoções, sentido e entendimento vividos pelas pessoas que atuaram e assistiram às improvisações, bem como a imaginação ou nova atuação de cenas trazidas à memória pela citação de fatos da vida cotidiana, das religiões não-cristãs, da piedade popular, da Bíblia e de outros momentos rituais (litúrgicos), em vista de uma *performance* ritual na qual estejam em harmonia sinal sensível (corpo), significado teológico (mente) e atitude interior (coração).

d) A bênção da mesa é um sacramental, uma ação litúrgica realizada com palavras e outros sinais sensíveis (não é puramente mental);

e) Ofícios e ministérios (cf. n. 12);

f) São elementos estruturais da bênção em geral 1) a proclamação da Palavra de Deus, da qual o sinal sagrado que a bênção deve ser toma seu sentido, e 2) o louvor da bondade divina e o pedido do auxílio celeste, na forma de uma fórmula de bênção que pode ser acompanhada de algum sinal particular (por exemplo, a imposição das mãos ou o sinal-da-cruz) (cf. n. 20-27).

g) Evitando a superstição, evite-se sinais sem palavra (bíblica ou oração) (cf. n. 27).

h) Bendizer a Deus por sua providência antes e depois da refeição, sozinho ou acompanhado, caracteriza o cristão. Refeição evoca tanto a Eucaristia quanto as manifestações do Ressuscitado (cf. n. 782).

i) À própria refeição o cristão associa os que padecem a falta de alimento, vivendo sobriamente para socorrê-las ou convidando-as à sua mesa (cf. n. 783).

j) O que se encontra no Ritual de Bênção é apenas um subsídio para a bênção da mesa (cf. n. 784). São quatro modelos (n. 785-827).

k) Faz bem estudar os textos das duas orações (antes e depois da refeição) que serão usadas na *Vivência do rito*: estrutura, a quem se dirige, o que recorda de Deus, motivos do louvor [benção], o que implora como novo auxílio.

4) Vivência do rito (cf. o *Ritual de Bênção*, n. 782-827 [segundo modelo: n. 790-791.810.813])

- Organizar a mesa como para refeição.

- Definir quem preside a bênção e quem são os demais participantes.

- **Combinar o recorte**: chegada das pessoas para a refeição, últimos preparativos, pôr-se à mesa, sinal-da-cruz, leitura de Isaías 58,10.11a [n. 791], oração n. 810, sentar-se e fazer a refeição, concluir com a oração n. 813. **Observação**: o texto das orações pode ser adaptado a partir daqueles encontrados no *Ritual*.

- **Vivenciar o recorte do rito**, levando em conta os gestos, posturas, significados, sentimentos, emoções, atitudes interiores que o *Aprofundamento* despertou, isto é, sintonizar corpo (gesto corporal, rosto, sinal sensível), mente (sentido teológico-litúrgico) e coração (atitude espiritual), sem forçar. **Fazer “como se fosse” de verdade**, isto é, sem interrupções ou comentários/desculpas, com alegre seriedade.

- Se for conveniente, repetir a vivência do recorte, em vista da harmonia corpo-mente-coração, por exemplo, **avaliando** o modo de pronunciar as orações, o olhar, a postura, as mãos, etc.

5) Decantação

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos?

- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, leitor, participante?

Repassar os três polos:

corpo – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção)

mente – o que pensei? (compreensão, recordação)

coração – o que senti? (atitude espiritual, interior)

Para aprofundar:

BUYST, Ione. Benzer ou bendizer? **A vida em Cristo e na Igreja** [Revista de Liturgia], São Paulo, n. 24, p. 2-8, 1977.

LÓPEZ MARTIN, Julian. As bênções. In: BOROBIO, Dionisio (org.). **A celebração na Igreja**: 3: Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, p. 523-32.

PERON, Edmar. Bênção da Mesa. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 245, p. 9-12, 2014.

RITUAL ROMANO, restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade de João Paulo II. **Ritual de Bênções**. Tradução portuguesa da edição típica para o Brasil. São Paulo: Paulus, 2003.

Benção da mesa – cf. Segundo modelo, no Tempo Comum

790. **Quem preside diz:**

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos fazem o sinal-da-cruz e respondem:

Amém.

791. **Um dos presentes faz a leitura breve:**

Escutemos as palavras do profeta Isaías **58,10.11a**

Se deres ao faminto do teu sustento e saciares o estômago das pessoas aflitas, então brilhará tua luz nas trevas e tua escuridão se transformará em pleno meio-dia. O Senhor te guiará continuamente e nas regiões áridas te saciará.

810. **Terminada a leitura, quem preside acrescenta:**
[para o Tempo Comum, adaptada]

Ó Deus, amante da vida,
que alimentais as aves do céu
e vestis os lírios do campo,
nós vos bendizemos por todas as criaturas
e por este alimento que vamos tomar,
e humildemente vos imploramos, Senhor,
que em vossa bondosa providência,
concedais a todos o alimento necessário.

R/. Amém.

DEPOIS DA REFEIÇÃO

812. **Quem preside diz:**

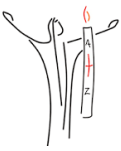
V/. Bendirei o Senhor Deus em todo o tempo.

R/. Seu louvor estará sempre em minha boca.

Oremos.

Nós vos agradecemos, Senhor,
doador de todos os bens,
por nos terdes reunido em torno desta mesa;
concedei que,
restaurando as forças do corpo,
mereçamos fazer alegremente
nossa caminhada terrestre
e um dia chegar, felizmente,
ao banquete celestial.
Por Cristo, nosso Senhor.

R/. Amém.



VIVÊNCIA CÂNTICO DE MARIA NO OFÍCIO DA TARDE*

Ambiente: se possível (não são itens necessários; servem apenas para conduzir a conversa durante a sensibilização): alguns calendários de parede de anos passados e do ano presente; relógio de parede (analógico) ou um relógio usado para ensinar a ler as horas; páginas de notícias de jornal ou de revista (podem ser notícias antigas); espelho pequeno; pedaços de barbante (um de ± 1m para cada participante e um maior para o grupo). Em vez de barbante, pode ser uma tira de papel e caneta para cada participante. **Necessário:** livro do Ofício Divino das Comunidades de cada participante.

1) Despertar do ser

Participantes sentados, colocam-se em pé de maneira consciente, com decoro e solenidade. Respiração consciente; conexão com o momento presente (pessoal, social, eclesial).

2) Sensibilização

a) Destaque do corpo: Com perguntas e tempo para resposta pessoal silenciosa e pessoal, destacar:

- Mão(s) na **cabeça** (fronte): quais pensamentos, ideias, preocupações passam pela minha cabeça?
- Mão(s) no **peito**: quais emoções, sentimentos, esperanças, angústias se aninham em meu coração?
- Mãos tocando os **ombros** opostos: em quais ações minhas mãos, meus braços, meu corpo têm participado?

b) Improvisação:

- Tendo cada participante um pedaço de barbante em mãos, pede-se que considerem tal barbante uma representação da sua linha do tempo pessoal, do nascimento até agora. Então, fazendo memória da própria história, façam nós/amarração no barbante assinalando momentos marcantes. Tantos quantos quiserem, em silêncio ou acompanhados do refrão “*Indo e vindo. Trevas e luz. Tudo é graça! Deus nos conduz!*”
- Os calendários e/ou o relógio podem ser usados para conduzir uma revisão da história pessoal, social e eclesial.
- O espelho pode ser usado com a pergunta: “Esse rosto, que história conta?”
- Se não houver objetos no ambiente, motive-se a memória da própria história de outra forma. Importa reconhecer-se co-autor(a) de uma história tecida ideias, emoções, sentimentos, ações e relações de diferentes tipos e com graus de importância variados.

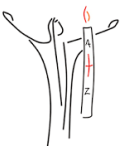
3) Aprofundamento do rito a partir da:

a) Vida: Partir da *Improvisação* acima. Promover a partilha, em trios, do momento representado por algum dos “nós” do barbante, especialmente aqueles cheios de gratidão e/ou esperança.

Depois das partilhas nos trios, promover a partilha no grande grupo, *não sobre o momento recordado*, mas sobre a **ação de recordar** em silêncio e **de contar** em voz alta a própria história; pode-se também partilhar a experiência **de ouvir** a história das outras pessoas.

Considerando o barbante sobressalente como “história do mundo”, pede-se aos participantes para lembrarem e assinalarem com nós/amarrações alguns fatos marcantes dessa história universal (que pode envolver fatos bíblicos). Por fim, recordando que nossas histórias pessoais são parte da história do mundo e da salvação, pode-se unir os barbantes dos participantes àquele da história geral.

Após as partilhas, quem está conduzindo a Vivência procure **ligar as experiências de**



34.^a SEMANA DE LITURGIA

Mosteiro de Itaiaci, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

recordação/narração/escuta com o Cântico de Maria no Ofício da tarde, seja pelo conteúdo, seja pela postura, seja pela atitude interior.

b) Bíblia: **Ler o cântico de Maria:** Lucas 1,46-55

- Quem é louvado nesse hino?
- Quais os motivos do louvor?
- Como se ligam à vida concreta de Maria e de seu povo?
- Em favor de quem Deus fez as ações que motivam o louvor?
- O que mais você destacaria desse hino?

Alguns outros trechos bíblicos de gratidão pela ação de Deus na história, em favor dos “menores”: Êxodo 15,1-21; Juízes 5,4-12; 1 Samuel 2,1-10; Judite 16,1-17; Lucas 1,68-76

c) Liturgia: Estabelecer paralelos (semelhanças e diferenças) entre o *Magnificat* e outros ritos litúrgicos:

- Evangelho da Missa, com sua aclamação;
- salmos no próprio Ofício, com suas antífonas;
- cântico de Zacarias no Ofício da manhã, com sua antífona.

4) Vivência do rito (cf. *Ofício Divino das Comunidades*)

- Preparar espaço como para celebração.
- Distribuir ministérios, sem esquecer a assembleia.
- Se não foi feito ainda, ensaiar o *Magnificat* na versão que será realmente usada no Ofício.
- Ler o que se diz sobre o *Magnificat* na Instrução Geral da Liturgia das Horas (IGLH 50, 138, 266) e na Introdução do Ofício Divino das Comunidades (na 3.ed, p. 13.16; na 2.ed, p. 13-14.16).
- **Combinar o recorte:** partindo do silêncio, levantar-se para a antífona, traçar o sinal-da-cruz, cantar o Cântico de Maria, concluir com a antífona, motivar as preces.

- **Vivenciar o recorte do rito**, levando em conta os gestos, posturas, significados, sentimentos, emoções, atitudes interiores que o *Aprofundamento* despertou, isto é, sintonizar corpo (gesto corporal, rosto, sinal sensível), mente (sentido teológico-litúrgico) e coração (atitude espiritual), sem forçar. **Fazer “como se fosse” de verdade**, isto é, sem interrupções ou comentários/desculpas, com alegre seriedade.

- Se for conveniente, repetir a vivência do recorte, em vista da harmonia corpo-mente-coração.

5) Decantação

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos?
- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, cantor, assembleia?

Repassar os três polos:

corpo – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção)

mente – o que pensei? (compreensão, recordação)

coração – o que senti? (atitude espiritual, interior)

Para aprofundar:

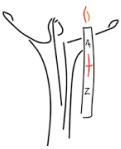
IGLH: 50. Em seguida, se diz solenemente, com sua antífona, o cântico evangélico, a saber: para as Laudes, o cântico de Zacarias (*Benedictus*); e para as Vésperas, o cântico da Virgem Maria (*Magnificat*). Esses cânticos, ratificados pelo costume secular e popular da Igreja Romana, expressam louvor e ação de graças pela redenção. A antífona do *Benedictus* e do *Magnificat* é indicada conforme o dia, o tempo ou a festa.

138. Os cânticos evangélicos “*Benedictus*”, “*Magnificat*” e “*Nunc dimittis*” serão acompanhados da mesma solenidade e dignidade com que se costuma ouvir o Evangelho.

266. Todos fazem o sinal-da-cruz, da frente ao peito e do ombro esquerdo ao direito: [...]

b) no início dos cânticos evangélicos *Benedictus*, *Magnificat* e *Nunc dimittis*. [...]

BUENO, Felipe Sardinha. A Igreja canta o *Magnificat*: uma leitura eclesiológica de Lc 1,46-



34.^a SEMANA DE LITURGIA

Mosteiro de Itaiaci, Indaiatuba-SP, 26 a 30 de setembro de 2022.

O RITO COMO FONTE DO SACERDÓCIO BATISMAL E LUGAR DO SEU EXERCÍCIO

55. REVELETEO, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 274-302, 2014. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/21566>. Acesso em: 5 set. 2022.

MAZZAROLO, Isidoro. As raízes do louvor no *Magnificat* (Lc 1,46-55). **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 36, n. 141, p. 72–82, 2021. Disponível em:
<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/33>. Acesso em: 5 set. 2022.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. 3. ed. (repaginada, com suplemento). São Paulo: Paulus, 2018.